

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

ROSANNY MOURA CAVALCANTE

**O Estádio do Espelho na obra de Jacques Lacan: entre os anos de 1936 e
1949.**

Maceió
2014

ROSANNY MOURA CAVALCANTE

O Estádio do Espelho na obra de Jacques Lacan: entre os anos de 1936 e 1949.

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Alagoas, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Charles Elias Lang.

Maceió
2014

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico
Bibliotecária Responsável: Maria Auxiliadora G. da Cunha

C376e Cavalcante, Rosanny Moura.
O estádio do espelho na obra de Jacques Lacan: entre os anos de 1936 e 1949 /
Rosanny Moura Cavalcante. – 2014.
93 f.

Orientador: Charles Elias Lang.
Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Alagoas.
Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes. Departamento de Psicologia.
Maceió, 2014.

Bibliografia: f. 87-91.
Anexo: f. [92]-93.

1. Lacan, Jacques, 1901-1981. 2. Estádio do espelho. 3. Eu, Jacques Lacan. I.
Título.

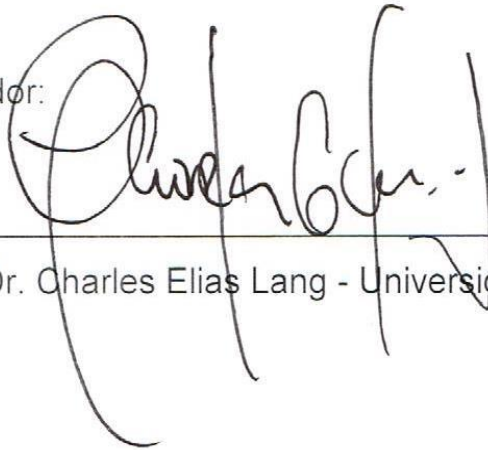
CDU: 159.923.2

AUTORA: ROSANNY MOURA CAVALCANTE

**O ESTÁDIO DO ESPELHO NA OBRA DE JACQUES LACAN: ENTRE OS
ANOS DE 1936 e 1949.**

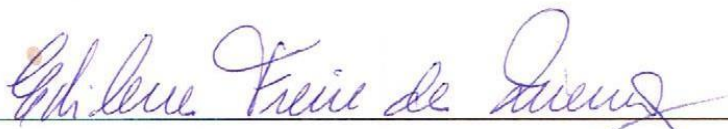
Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-graduação em Psicologia, Instituto de Psicologia, da Universidade Federal de Alagoas – UFAL, como requisito essencial à obtenção do título de Mestre.

Orientador:



Prof. Dr. Charles Elias Lang - Universidade Federal de Alagoas. (Orientador)

Banca examinadora:



Profa. Dra. Edilene Freire de Queiroz - Universidade Católica de Pernambuco
(Examinadora externa)



Prof. Dr. Jefferson de Souza Bernardes - Universidade Federal de Alagoas
(Examinador interno)

Um livro é produzido [...] A partir daí, é aprisionado num jogo contínuo de repetições; seus duplos, a sua volta e bem longe dele, formigam; cada leitura atribui-lhe, por um momento, um corpo impalpável e único; fragmentos de si próprio circulam como sendo sua totalidade, passando por contê-lo quase todo e nos quais acontece-lhe, finalmente, encontrar abrigo; os comentários desdobram-no [...] A reedição numa outra época, num outro lugar, ainda é um desses duplos: nem um completo engodo, nem uma completa identidade consigo mesmo.

FOUCAULT, Michel.

RESUMO

Este trabalho se desenvolve a partir da pergunta: Como se constitui o eu? Para responder a esta questão elegemos como objeto de pesquisa o texto *O estádio do espelho como formador da função do eu [je] tal como nos é revelada na experiência psicanalítica* (1949) do psicanalista francês Jacques Lacan. Investigamos a concepção do eu em Lacan a partir da teoria do *Estádio do Espelho*, delimitando-nos ao período de sua obra datada entre os anos 1936 a 1949. Adotamos a metodologia de leitura de textos desenvolvida por Luís Claudio Figueiredo (1999). Tal metodologia se desenvolve a partir de quatro modalidades de leituras: leitura ingênua, leitura hermenêutica, leitura clássica e leitura próxima, atenta e desconstrutiva. Partimos de três fontes: 1) Textos como fontes históricas: o interesse é de contextualizar a produção do texto de 1949, bem como sistematizar alguns eventos, acontecimentos, situações do movimento psicanalítico que associam-se ao período em que se formula a concepção do *Estádio do Espelho*. 2) O texto de 1949 como objeto de pesquisa: pretendemos explorar suas teses, analisar as formulações postas em 1949 à luz dos textos que antecedem esta data, ou seja, o período de 1936 à 1949. 3) Textos de alguns comentadores do tema do *Estádio do Espelho*, são eles: Elisabeth Roudinesco (2006; 2007; 2008; 2011), Bertrand Ogilvie (1991) e Phillipe Julien (1993). Assim, procuramos responder a partir de uma visão dos bastidores intelectuais e pessoais da elaboração e produção do texto de 1949, de suas interpenetrações e seus enraizamentos, seus contextos de produção e principais teses presentes neste texto. As principais considerações finais apontam para a seguinte direção: o texto de 1949 marca uma diferença nas concepções anteriores do *Estádio do Espelho*. O eu teorizado pela concepção do *Estádio do Espelho* pode ser pensado a partir do ponto de vista desenvolvimentista, ou seja, como uma fase delimitada entre os seis e 18 meses da criança, bem como, do ponto de vista estrutural, ou seja, algo atravessa e perdura durante a vida do sujeito. Percebemos ainda que é possível pensar o *Estádio do Espelho* como uma releitura do narcisismo do Freud, bem como, um momento do pensamento de Lacan que terá desdobramentos ao longo de toda sua obra.

Palavras-chave: Estádio do Espelho. Eu. Jacques Lacan.

ABSTRACT

This work grows out of the question: How is the self? To answer this question we have chosen as a research text *The mirror stage as formative of the function of I [je] as is revealed in psychoanalytic experience* (1949) of the French psychoanalyst Jacques Lacan. We investigate the design of self in Lacan from the theory of the mirror stage, limiting ourselves to the period of its dated between the years 1936 to 1949 work. We adopted the methodology of reading texts developed by Luis Claudio Figueiredo (1999). This methodology develops from four types of reading: naive reading, hermeneutic reading, reading and reading classic close, attentive and deconstructive. We start from three sources: 1) texts as historical sources: the interest is to contextualize the production of the 1949 text and systematize some events, happenings, situations of the psychoanalytic movement that are associated with the period in which they made the design of the Stadium mirror. 2) The text of 1949 as the research object - we want to explore their theses, analyze the formulations put in 1949 in the light of the texts that precede this date, the period from 1936 to 1949. 3) Texts of commentators on the subject of the mirror stage, they are: Elisabeth Roudinesco (2006; 2007; 2008; 2011), Bertrand Ogilvie (1991) and Phillipe Julien (1993). Thus, we seek to answer about the vision of intellectual and personal backstage preparation and production of the 1949 text, the interpenetration and rootedness of this text, the contexts of production and the main theses present in this text. The main conclusions point to the following considerations: text 1949 marks a difference in previous conceptions of the mirror stage. I theorized that in the mirror stage can be thought from the developmental point of view, as a bounded phase between 6 and 18 months of the child as well as the structural point of view, something crosses and endures during the subject's life. Even realize that it is possible to think the mirror phase as a rereading of Freud 's narcissism well as a time of Lacan's thought that have ramifications throughout his work.

Key Word: Stadium Mirror. I. Jacques Lacan.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 APRESENTAÇÃO DA PESQUISA.....	14
1.1 Considerações Metodológicas.....	22
2. OS CONTEXTOS DE PRODUÇÃO DO TEXTO <i>O ESTÁDIO DO ESPELHO</i>	
(1949).....	31
2.1 Um breve comentário sobre Jacques Lacan.....	31
2.2 O <i>Estádio do Espelho</i> nas publicações lacanianas entre os anos de 1936 e 1949.....	39
2.3 O <i>Estádio do Espelho</i> no contexto das heranças freudianas.....	48
3. O TEXTO <i>O ESTÁDIO DO ESPELHO</i> (1949).....	56
3.1 O Estádio do espelho como fase do desenvolvimento.....	56
3.2 O Estádio do Espelho a partir do ponto de vista estrutural.....	68
3.3 O Estádio do Espelho sob a influência freudiana.....	75
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	85
REFERÊNCIAS.....	88
ANEXO I.....	93

INTRODUÇÃO

O que se lê nas próximas páginas é uma dissertação de mestrado realizada no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Alagoas. Este trabalho trata de um tema medianamente explorado na Psicanálise que é a questão do eu, ou seja, a constituição do eu.

Jacques Lacan foi um psicanalista francês que fez história no movimento psicanalítico na França. Suas teorias são objetos de estudos, de pesquisas, de críticas e elogios.

Lacan desenvolveu uma concepção sobre como se constitui o eu. Encontramos esta concepção sob a denominação de *Estádio do Espelho*. O Estádio do Espelho tem sua origem datada no ano de 1936 e está formalizado em um texto datado de 1949. Tal texto tem sua importância delimitada no contexto da obra lacaniana. São apenas oito páginas nas quais se concentram de forma condensada toda uma concepção sobre constituição e origem do eu.

Lacan coloca à prova a frase do poeta Rimbaud “eu é um outro” e dá-lhe contornos de teoria e de ciência. Assim, a proposição de que o eu é um outro é posto à prova a partir de outros campos como os da Psiquiatria e da Psicanálise, no tratamento da loucura, do sofrimento, das “paixões da alma”.

O *Estádio do Espelho* se desenvolve como uma teoria sobre o surgimento do eu no ser humano. Essa teoria tem vários momentos de elaboração na obra lacaniana. Nossa pesquisa se dedica a investigar tal concepção a partir do recorte entre os anos de 1936 e 1949. Tomamos como nosso objeto de pesquisa o texto *O Estádio do espelho como formador da função do eu [je] tal como nos é revelada na experiência psicanalítica* (1949) a fim de investigarmos a concepção de eu no contexto deste texto.

Assim, investigamos a concepção do conceito de *Estádio do Espelho* entre os anos de 1936 e 1949 na obra lacaniana e a noção de eu empreendida nesse período. Como se desenvolveu a concepção do *Estádio do Espelho* de 1936 e

1949? Quais as principais referências que embasam a concepção do *Estádio do Espelho* nesse período? Quais os contextos de produção do texto? Como a noção apresentada no texto de 1949 aparece nos textos anteriores?

No primeiro capítulo apresentamos e explicitamos nosso objeto de estudo, as fontes escolhidas e os fundamentos metodológicos de nossa pesquisa.

Consideramos que há várias formas de ler Lacan. Há quem pense que a boa leitura de um texto consiste em compreender aquilo que o autor quis dizer. Há quem pense que o verdadeiro bom leitor é aquele que descobre o sentido que está lá posto. Há quem pense que uma boa leitura se faz no encontro entre leitor e autor, numa interlocução, num diálogo silencioso entre autor e leitor teremos então o sentido do texto.

Compreendemos textos como objetos de pesquisa e explicitamos nossa metodologia de leituras de acordo com a proposta de Luís Claudio Figueiredo (1999). Tal metodologia se desenvolve a partir de quatro modalidades: a leitura ingênua, leitura hermenêutica, leitura clássica e leitura próxima, atenta e desconstrutiva.

O segundo capítulo é dedicado a uma leitura hermenêutica do texto *O Estádio do Espelho* (1949). Trataremos dos contextos externos e os contextos internos de produção desse texto. Para isso o dividimos em três sessões: 1) um breve comentário sobre Jacques Lacan; 2) o Estádio do Espelho nas publicações lacanianas entre os anos de 1936 e 1949; 3) o Estádio do Espelho no contexto das heranças freudianas.

Iremos considerar e apontar as principais influências no movimento de construção do pensamento de Lacan no primeiro período de sua obra. Para isso nos dedicamos a apresentar alguns dados da história de Lacan, de sua passagem da psiquiatria à psicanálise, os ambientes que Lacan frequentava nesse período, seus principais interlocutores, as teorias comentadas, os elementos do contexto social e político das décadas de 1930-1940. Além disso, iremos relacionar o aparecimento da

teoria do *Estádio do Espelho* em relação às heranças freudianas pós década de 1920.

Para isso nos aproximamos de alguns comentadores da obra de Lacan. Partimos das leituras da historiadora Elisabeth Roudinesco (2006; 2008; 2009; 2011) a fim de traçar um percurso histórico, situar datas, de forma que se possa enredar o texto que estamos lendo no período demarcado da obra lacaniana. Do mesmo modo, a partir das nossas leituras, vamos trazer elementos, conceitos, contextos, que nos permitam compreender as relações que Lacan sugere existir entre a concepção do *Estádio do Espelho*.

O terceiro capítulo busca ler o texto a partir da modalidade de leitura clássica. Apresentamos alguns sentidos e algumas teses encontradas nas oito páginas. Dividido em três sessões: 1) o Estádio do espelho como fase do desenvolvimento; 2) o Estádio do Espelho a partir do ponto de vista estrutural; 3) o Estádio do Espelho sob a influência freudiana.

Apresentamos então algumas leituras de comentadores reconhecidos e referenciados no campo psicanalítico. Tomaremos como principais comentadores Bertrand Ogilvie (1991) e Philippe Julien (1993). O texto de Ogilvie que trataremos de apresentar é intitulado como *O Estádio do Espelho* e está incluído como capítulo de um livro do mesmo autor chamado *Lacan – a formação do conceito de sujeito* (1991). Já o texto de Philippe Julien chama-se *A aplicação ao espelho* e está presente em seu livro intitulado *O retorno à Freud de Jacques Lacan* (1993).

Phillipe Julien situa o *Estádio do Espelho* a partir de uma leitura freudiana, ou seja, o autor coloca Freud como principal referência na construção teórica de Lacan. O *Estádio do Espelho* como uma leitura lacaniana do narcisismo freudiano. Nesse sentido, para Julien (1993) Lacan está debruçado na 2ª tópica freudiana na época do *Estádio do Espelho*.

A partir de uma perspectiva distinta, porém sem deixar de considerar a presença do narcisismo na concepção do *Estádio do Espelho*, Bertrand Ogilvie (1991) dá ênfase em sua leitura à inventividade lacaniana. Marca o *Estádio do*

Espelho como sustentação da teoria de um eu em Lacan e do sujeito, a partir de uma análise dos usos dos termos eu [moi] e eu [je] utilizados por Lacan.

As conclusões desta pesquisa são os resultados encontrados a partir das quatro modalidades de leituras.

1. APRESENTAÇÃO DA PESQUISA

A pergunta “Quem sou eu?” logo de início soa familiar. A maioria de nós, em algum momento da vida, já se colocou essa questão. Podemos passar um bom tempo de nossas vidas nos perguntando quem somos nós.

Eu sou assim desde que nasci? Ou eu me tornei assim? Em outras palavras: quando é que nós começamos a sermos nós? Nós nascemos prontos e vamos nos desenvolvendo? Ou nosso desenvolvimento depende do meio em que vivemos? Se nós nascemos prontos, quais são as consequências que podemos retirar disto? De maneira contrária, se nós nos constituímos a partir do meio, quais são as consequências que podemos retirar disto? O eu é algo de ordem natural ou é uma construção?

Na procura por respostas para estas questões sempre nos dirigimos a um outro. Sabemos que existem muitas maneiras de respondê-las. Podemos pensar esse outro desde o nosso semelhante, aquele que está ao nosso lado, bem como podemos nos interrogar a partir de um outro social: os campos religioso, científico, das teorias genéticas às teorias sociais, filosófico, artístico e mesmo o senso comum. Em geral, a partir desses campos podemos buscar e achar elementos que nos ajude nesse anseio de saber *quem sou eu*.

Outro campo que se ocupa com essa questão é a Psicanálise. A Psicanálise tem como cerne de sua teoria a descoberta e formalização do inconsciente como uma instância psíquica. Mas o que é o eu a partir da Psicanálise? Não se trata de apenas uma resposta óbvia e definitiva.

Desde seu início, ou seja, desde a Psicanálise de Freud o eu é entendido como uma construção. Como se dá essa construção? A partir de teorizações e concepções formuladas e reformuladas ao longo da obra freudiana. Que por sua vez possui seus fundamentos a partir da experiência psicanalítica.

Sabemos que a Psicanálise é construída por desdobramentos. Nesse sentido, os herdeiros de Freud, além da experiência em psicanálise particular a cada um, têm

também o texto freudiano. Ou seja, os psicanalistas têm um legado de textos e assumem leituras do texto freudiano. Diferentes interpretações ou leituras da obra freudiana abriram caminho para diferentes compreensões da prática e da teoria psicanalítica. Em decorrência disto, diferentes leituras da teoria freudiana levaram à criação de diferentes Escolas de Psicanálise.

Admitimos que, a partir de uma leitura, de uma compreensão, de fatores históricos contingenciais, alguns herdeiros do legado freudiano tornaram-se fundadores de outras Escolas psicanalíticas. Estas, por sua vez, desenvolveram uma teoria própria e formaram outras gerações de psicanalistas. Assim, o primeiro ponto a ser enfatizado é que há diversas Psicanálises e não apenas uma.

A relação entre leitura e interpretação do texto freudiano e fundação de outras Escolas psicanalíticas fica evidenciada a partir da seguinte situação. Em 1923, Freud publica o texto chamado *O Eu e o Id* (1923). Esse texto é tido como um divisor de águas na teoria freudiana. Ele marca a passagem e formalização da segunda tópica do aparelho psíquico em Freud.

Até 1920 Freud entendia o aparelho psíquico a partir da teoria chamada primeira tópica. Nessa perspectiva o psiquismo se organiza em três sistemas: consciência, pré-consciência e inconsciente. O eu era tido como parte do sistema percepção-consciência do sujeito.

Em 1920 Freud publica *Além do princípio do Prazer* (1920). Esse texto marca a introdução do conceito de pulsão de morte e da compulsão à repetição na teoria freudiana. Assim, não era possível manter a hipótese que o aparelho psíquico trabalhava apenas para fins de satisfação da pulsão de vida, de prazer. Freud percebeu que havia algo da pulsão que não tendia para satisfação via princípio do prazer.

Assim, ele precisou reformular sua primeira tópica do aparelho psíquico. E passou a entendê-lo a partir de três instâncias: o Id, o Eu e o Supereu¹. Uma das

¹ Algumas publicações da obra de Freud em português derivam de traduções do inglês e por isso utilizam a palavra Ego para denominar Eu. Em nosso trabalho optamos por utilizar a tradução Eu e Supereu – derivada da tradução direto do alemão - em detrimento de Ego e Superego.

grandes novidades nessa elaboração é que as três instâncias possuem partes inconscientes. Ou seja, o eu não corresponde mais a sede da consciência, pois é formado também de partes inconscientes.

Vemos então que em Freud a noção de eu está marcada pela existência de dois momentos principais: um antes e um depois da década de 1920. Antes da década de 1920 o eu em Freud demarcava a sede da consciência, inserido em sua primeira tópica. E um depois, quando o eu passa a ser entendido a partir da segunda tópica e não é mais sede da consciência, mas possui uma parte inconsciente². (PETER, 2012).

Acontece que a segunda tópica freudiana tornou-se famosa, pois dividiu o campo psicanalítico. Tivemos três leituras divergentes acerca do texto sobre a segunda tópica freudiana. E tais leituras acabaram por fundar três novas Escolas: o Anna Freudismo e a *Ego Psychology*; o Kleinismo e o Lacanismo. A partir destas três Escolas teremos três leituras diferentes sobre como se organiza o aparelho psíquico em relação a concepção da posição e da função do eu. Nesse contexto, não podemos deixar de mencionar que as divergências teóricas acarretam em divergências clínicas, ou seja, naquilo que se refere à forma de se conduzir a análise de um sujeito. (PETER, 2012).

Consideramos que os elementos que constituem tais Escolas são de ordem teórica, mas também transferenciais, políticas, contingenciais e históricas, afinal os psicanalistas são eles próprios sujeitos em uma determinada cultura. Dito isto, queremos enfatizar que, ao se propor uma investigação acerca da constituição do eu no campo da teoria psicanalítica, é preciso inicialmente um movimento de delimitação: qual Psicanálise estamos falando?

Além disso, devido ao caráter de movimento das elaborações teóricas tanto em Freud como nos pós-freudianos, ao nos interrogarmos sobre como se constitui o eu, não basta sabermos a partir de qual perspectiva psicanalítica nos posicionamos.

² Entendemos que seria um longo prolongamento adentrarmos nas definições conceituais nesse primeiro capítulo. Nesse sentido apresentamos consideração sobre a noção de eu em Freud de maneira bastante introdutória, apenas para situar o leitor e contextualizar nosso campo. Ampliaremos nossos horizontes conceituais no terceiro capítulo deste trabalho.

É necessário ainda tecermos um questionamento a respeito do momento da teorização do qual nós falamos, ou seja, em que recorte temporal a respectiva teoria trabalhada se encontra. As noções e definições sobre o eu foram formuladas e reformuladas em contextos determinados. De forma que haveremos de considerar e situar datas, contextos de formulação, momento de construção teórica, momento histórico, interlocutores privilegiados, endereçamentos etc.

Na Psicanálise lacaniana o eu é formulado a partir de uma teoria chamada de *Estádio do Espelho*. Vários autores, como Phillipe Julien (1993), Brethand Olgivie (1991), Miller (1988), Peter (2012), Roudinesco (2008) consideram que esta teoria se desenvolveu no sentido de defender uma determinada leitura da segunda tópica freudiana. Porém ela não se esgota aí.

Dito isso passamos agora a explicitar nosso campo de trabalho. Nossa pesquisa se desenvolve a partir da pergunta: “Como se constitui o eu?” Para responder a esta questão elegemos como objeto de pesquisa o trabalho do psicanalista francês Jacques Lacan intitulado *O estádio do espelho como formador da função do eu [je] tal como nos é revelada na experiência psicanalítica* (1949). Trata-se de um texto de oito páginas apresentado como uma comunicação realizada no XVI Congresso Internacional de Psicanálise, em Zurique, Suíça, no dia 17 de julho de 1949. Este texto foi publicado em dois momentos distintos: em outubro-dezembro de 1949 foi publicado na *Revue Française de Psychanalyse*, n.4. E em 1966 foi publicado novamente, desta vez em uma compilação de textos de Lacan reunidos sob o título de livro *Escritos* (1966). Trabalharemos com a publicação da edição presente no *Escritos*.

Por que elegemos como objeto de pesquisa o texto *O Estádio do espelho* (1949)³? Sobre o que trata esse texto? Ora, ele é considerado um texto central na obra de Lacan no que se refere à construção e desenvolvimento da sua concepção sobre o eu.

³ Tendo em vista a extensão do título completo do texto *O estádio do espelho como formador da função do eu [je] tal como nos é revelada na experiência psicanalítica* (1949) utilizaremos apenas a forma *O Estádio do espelho* (1949) para se referir ao texto em questão.

Apesar de ter sido publicado apenas em 1949, Lacan desenvolvia as ideias que dariam origem ao *Estádio do Espelho* desde 1936, ano em que realizou uma apresentação sobre a noção de *Estádio do Espelho* no XIV Congresso da *International Psychoanalytical Association* (IPA), em Marienbad. O título dessa apresentação está registrado como *O estádio do espelho: teoria do momento estruturante genético da constituição da realidade conhecida em relação à experiência analítica*.

A apresentação em 1936 sobre o *Estádio do Espelho* se tornou conhecida por dois fatos. Na ocasião em que apresentava seu texto Lacan foi interrompido pelo então presidente da IPA, Ernest Jones. O motivo seria o tempo esgotado. O segundo fato que marcou essa história é que Lacan não entregou o texto dessa apresentação para publicação nos anais do evento. Assim, a origem do *Estádio do Espelho* está ligada a ausência de um texto ou ainda um texto perdido.

Assim, sabemos que a concepção do *Estádio do Espelho* se deu a partir de dois momentos inaugurais: uma apresentação no Congresso de Marienbad em 1936 e a apresentação do Congresso de Zurique em 1949.

Para Peter (2012), a teoria apresentada em 1936 diz respeito a uma elaboração sobre a constituição da realidade. Enquanto que o texto de 1949 trata da elaboração sobre a constituição do eu (je) a partir da observação e da metodologia da Psicanálise.

Entre os anos de 1936 e 1949, o uso da expressão *Estádio do Espelho* está presente e articula as primeiras comunicações e publicações de Lacan e, de acordo com o próprio Lacan, em *De nossos antecedentes*⁴ (1966) marca sua entrada na Psicanálise. De acordo com Roudinesco (2008, p. 157) "a história das diversas definições que ele deu a esse famoso estádio desdobra-se como um verdadeiro romance de folhetim".

Quais as relações existentes entre o apagamento do texto de origem e o

⁴ Lacan, Jacques. De nossos antecedentes. In.: Escritos. Tradução: Vera Ribeiro, Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro, 1998.

contexto da Psicanálise da época do Lacan? Quais relações produzem o reaparecimento da noção do estádio do espelho trezes anos após sua primeira aparição? Quais as implicações da concepção do estádio do espelho no contexto das heranças freudianas nas décadas de 1936 e 1949? Quais as aproximações entre o texto de 1949 e os demais textos publicados ao longo do entre 1936 e 1949?

Nesse período compreendido entre os anos de 1936 e 1949 encontramos cinco textos de Lacan publicados: *Mais além do princípio de realidade* (1936); *Os complexos familiares* (1938); *Formulações sobre a causalidade psíquica* (1946); *A agressividade em psicanálise* (1948); e, por fim, *O estádio do espelho como formador da função do eu [je] tal como nos é revelada na experiência psicanalítica* (1949). Propomos-nos a investigar a concepção do eu a partir do texto de 1949 e como este se articula nas produções anteriores daquele ano até 1936.

Nesse ponto daremos destaque a algumas considerações. A obra lacaniana é extensa. Seu primeiro texto publicado data de 1932 e o psicanalista só parou de produzir em 1981, ano de sua morte. O pensamento lacaniano, assim como o de Freud, foi vivo e permaneceu em constante elaboração e reelaboração. A concepção do *Estádio do Espelho* é um exemplo disto. Para fins de pesquisa delimitamos os anos citados acima, porém sabemos que sua teoria continuou em elaboração. Ou seja, o *Estádio do Espelho* ganhou novas compreensões ao longo da obra de Lacan.

Julian (1993) não deixa de mencionar que, o *Estádio do Espelho* está inscrito numa longa série no percurso lacaniano, que não é uniforme, mas que se pode inferir uma periodicidade:

De 1938 a 1952, em cada artigo publicado, Lacan expõe a especificidade do modo imaginário. Não é o ilusório, mas um objeto psíquico, com sua própria causalidade, não redutível ao orgânico. 2) De 1953 a 1960, Lacan, ao descrever o efeito do simbólico sobre o imaginário, modifica a apresentação do estágio do espelho em seus artigos e seminários, para relativizá-los enquanto submetido à ordem simbólica. Ele a formaliza com a escrita do esquema ótico. 3) Porém, de 1961 a 1980, ele dá do estágio do espelho uma outra escrita, a topológica, com a introdução do olhar como objeto a, em lugar do Outro. (JULIEN, 1993, p. 26).

Para o filósofo Vladimir Saflate (2009, p 11), as modificações da teoria lacaniana ao longo do tempo serão entendidas de modo claro a partir da noção de desenvolvimento do pensamento lacaniano desde seu início. Assim, o filósofo defende que devemos começar a ler Lacan pelo começo, pois, a partir da compreensão do desenvolvimento cronológico de sua experiência, podemos compreender o processo de formação de seus conceitos e problemas.

Embora seu campo vá modificando paulatinamente o campo de interlocuções, as estratégias de problematização e o estilo de sua escrita, é inegável o esforço lacaniano em integrar os desenvolvimentos recentes de seu pensamento a elaborações mais antigas (SAFLATE, 2009, p. 11-12).

Miller (1998) por sua vez aponta que o estudo sistemático leva a perceber que é próprio do Lacan ir tomando “às avessas suas teses aparentemente mais garantidas.” (MILLER, 1998, p. 3). Para fins de uma introdução à obra lacaniana, Peter (2012) aponta alguns modos de periodizar os trabalhos do psicanalista. O primeiro destes seria a partir de um parâmetro histórico-cronológico:

- . 1926 e 1934: artigos escritos como fruto de sua especialização em neurologia e psiquiatria.

- . 1934 a 1953: trabalhos decorrentes a entrada na psicanálise, de modo que começa um questionamento dos modelos nos quais sua formação se efetuou.

- . 1953 a 1964: marca sua ruptura com a IPA e o início da emergência de um pensamento teórico que foi designado como “retorno a Freud”.

- . 1964 a 1981: trata-se, então, de um conjunto de terminologia e articulações tanto teóricas quanto práticas, específicas de um esquema conceitual próprio conhecido como “psicanálise lacaniana”.

Outra maneira de se pensar a periodização da obra de Lacan tem a ver com a os seus desenvolvimentos teóricos, ou seja, um recorte a partir das teorias que ele produziu. Este modelo aponta três etapas: 1) 1936 a 1953: foi desenvolvida a tópica do imaginário centrado na teoria do Estádio do Espelho; 2) 1953 a 1964: Lacan

desenvolveu a tópica do simbólico, quando formulou a tese do “inconsciente estruturado como linguagem”; 3) 1964 a 1980: período em que a ênfase se deu na tópica do Real. Passa-se, então, a uma transformação do sentido originário de simbólico e imaginário. (PETER, 2012).

Nesse sentido, para cada período destacado acima haveria um Lacan distinto, ou seja, sustenta-se a existência de um primeiro Lacan, um segundo Lacan e um terceiro Lacan. Adotaremos como nossa a perspectiva que considera a divisão da obra lacaniana a partir desses três períodos distintos: 1) Tópica do Imaginário, 2) Tópica do Simbólico e 3) Tópica do Real. Nesse contexto, localizamos nosso objeto de pesquisa dentro do período caracterizado como “Tópica do Imaginário”⁵.

Para Miller (1994) e Roudinesco (2011), nesse período da tópica do imaginário Lacan quer explicar de onde vem o eu e suas questões estão articuladas pela problemática da causalidade psíquica.

Nesse sentido, nosso objetivo geral é a realização de uma leitura do texto sobre o *Estádio do Espelho*, datado de 1949, a fim de investigamos a concepção de eu em Lacan, delimitando-nos ao período de sua obra datada entre os anos 1936 e 1949.

O que pode-se apreender como “visão de bastidores” intelectuais e pessoais da elaboração e produção do texto de 1949? Quais as interpenetrações e os enraizamentos desse texto? Quais os contextos de produção desse texto? Quais as principais teses presentes nesse texto? Tais perguntas dizem respeito e se constituem como dimensões da metodologia de leitura que apresentaremos a seguir.

⁵ O conceito de estádio do espelho permanece em construção e é reformulado na segunda e na terceira tópica.

3.2 Considerações metodológicas.

Nossa metodologia assume uma posição em relação à leitura. Pensamos que numa pesquisa em que assumimos textos como objetos e sua leitura como metodologia, devemos nos posicionar e explicitar os pressupostos nos quais os modos de leitura estão implicados.

Lang e Falcão (2012) apontam que é comum negligenciar a apresentação das estratégias ou da metodologia de leitura nos trabalhos científicos. Eles relacionam a ausência de uma descrição da metodologia utilizada para as pesquisas teóricas, o processo de leitura-escritura, à compreensão de que o ato de ler é transparente, direto e não possui pressupostos. Como se houvesse apenas uma maneira de ler textos e que esta maneira é independente dos pressupostos teóricos e metodológicos que se constroem na trajetória profissional e acadêmica de cada um. Por outro lado, destacam que os modos de leitura têm efeitos na formulação do problema, do objeto a ser investigado e da escolha da metodologia da pesquisa. (LANG e FALCÃO, 2012, p. 85).

De acordo com Figueiredo (1999), o projeto de leitura de textos psicanalíticos a que nos dedicamos requer, como consideração preliminar a apresentação de alguns pressupostos básicos relativos às atividades de interpretar e ler. Existem, dessa maneira, na literatura especializada, concepções sobre o que é interpretar e decorrente daí concepções de modalidades de leitura. (FIGUEIREDO, 1999, p. 9)

Figueiredo (1999) aponta pelo menos duas concepções sobre a ação de interpretar: 1) a concepção clássica e 2) aquela que aponta a atividade interpretativa como contextualização, descontextualização e recontextualização.

A concepção clássica relativa à “interpretação” implica em desvendar o sentido do texto. Nesse caso, “[...] o sentido do texto é identificado como uma intenção que transcende o autor ou com um campo transcendente de referentes ou objetos intencionais” (FIGUEIREDO, 1999, p. 9). Aqui temos uma separação entre o verdadeiro sentido do texto e qualquer comentário que expressaria significado ou valor para um determinado leitor.

Essa concepção está ancorada em pressupostos metafísicos, são eles: o sentido como transcendente em relação ao texto, como algo que subjaz as palavras. “A *unidade* é tomada como algo que *precede* e *prevalece* sobre a diferença, ou seja, é possível dizer o mesmo, conservando e repetindo o mesmo sentido, mediante diferentes elementos e arranjos textuais.” (FIGUEIREDO, 1999, p. 10).

A *unidade prevalece*, pois se supõe que o que é inteligível é, igualmente, inequívoco, o que leva a compreender as ambiguidades e polissemias como acidentes e defeitos a serem evitados por quem escreve e por quem lê. E *precede* quer dizer que o sentido do texto é aquele que o autor produziu por estar querendo dizer algo que já estava sendo visado. (FIGUEIREDO, 1999, p. 10).

A segunda concepção é aquela que considera interpretar como um ato complexo de contextualizar, descontextualizar e recontextualizar. Nesse caso, “[...] procuramos e construímos um fundo para que algo se configure” (FIGUEIREDO, 1999, p. 11). Haveremos de considerar dois contextos que envolvem essa concepção de interpretar: os contextos externos e os contextos internos do texto. Esses dois contextos estabelecem uma dialética.

Os contextos externos são aqueles que nos remetem ao campo no qual se abrem as possibilidades para que seja percebido como dotado de sentido e seja interpretado. Exemplos desses contextos externos: o gênero, de uma tradição, uma época, uma obra, etc. de outros textos contemporâneos ou pertencentes a um mesmo passado. [...] Já os contextos internos dizem respeito às redes que se formam entrelaçando os vários elementos do texto e dando a cada um deles um lugar, uma função e um sentido (FIGUEIREDO, 1999, p. 11).

São três autores que Figueiredo (1999) destaca para mostrar as concepções do que é interpretar como implicando os procedimentos contextualizadores, descontextualizadores e recontextualizadores: H. G. Gadmer, Richard Rorty e Jacques Derrida.

Para H. G. Gadmer (*apud* FIGUEIREDO, 1999), os pressupostos do leitor, seus “preconceitos”, devem ser entendidos como condições de possibilidades do sentido. Em outras palavras, para Gadmer (*apud* FIGUEIREDO, 1999) textos só

fazem sentido no contexto dos pressupostos de um dado leitor. Dessa forma, ele enfatiza a natureza dialógica das entidades languageiras, ou seja, de tudo que é dotado de sentido, cada mensagem, cada texto, cada obra, cada gesto pertencem a um campo em que questões e respostas são geradas e solicitadas umas pelas outras. Nessa perspectiva, um texto deve ser entendido como resposta a um corpo de questões e/ou como questionamentos a um corpo de crenças. (FIGUEIREDO, 1999, p. 12-13).

Na perspectiva de Richard Rorty (*apud* FIGUEIREDO, 1999), interpretar é contextualizar, tudo o que importa são os contextos, que podem ser compreendidos como os sistemas de crença, desejos, expectativas e interesses do leitor. Esses sistemas preexistem a qualquer interpretação. Uma pesquisa trata da procura ou construção de novos contextos capazes de dar sentido a novos elementos. Vale destacar que nesse caso os sentidos não correspondem a uma transcendência. O que se busca são sentidos que lhe parecem mais interessantes, mais oportunos e mais úteis.

A terceira perspectiva que Figueiredo (1999) aponta, na qual irá se inspirar para sua proposta de metodologia de leitura de textos psicanalíticos, é a perspectiva do filósofo Jacques Derrida. Enquanto na leitura clássica é a *unidade* que prevalece e precede o sentido, para Derrida (*apud* FIGUEIREDO, 1999) é o *traço diferencial* ou ainda, a diferença que precede e prevalece sobre a unidade. Nesse caso, toda e qualquer interpretação do texto possui o *traço diferencial* como precedência e prevalência na formação do sentido.

Isso que dizer que para Derrida (*apud* FIGUEIREDO, 1999), são os traços diferenciais que possibilitam a constituição dos fenômenos e dos sentidos. Um sistema de traços diferenciadores é o que opera invisivelmente na formação do sentido e isso significa que a “intenção do autor”, o “objeto intencional” e o “referente” não podem vir a ser e a operar senão no campo previamente constituído das diferenças.

Ou seja, a maneira proposta por Derrida (*apud* FIGUEIREDO, 1999) vai pelo oposto da concepção clássica de interpretar. Enquanto esta admite a *unidade* como precedente e prevalecente, para Derrida é a *diferença* que precede e prevalece.

Stein (2008) nos ajuda a compreender os contextos em que acontecem as teorias de Gadmer e de Derrida:

O universo em que se movimenta Derrida [...] para chegar ao conceito de desconstrução, é o da tradição estruturalista e linguística francesa, enquanto a hermenêutica, assim como é apresentada por Gadamer, nasce no contexto do romantismo alemão e das teorias da linguagem e da interpretação (STEIN, 2008, p. 139).

Temos, assim, dois grandes eixos de compreensões sobre a interpretação, dos quais derivam diferenciadas modalidades de leituras: aquela em que a leitura se dá pela interpretação de um sentido transcendente do texto e aquela que reconhece a atividade interpretativa como o procedimento de contextualizar, descontextualizar e recontextualizar.

Vale destacar que essas modalidades não anulam uma a outra. Elas se sobrepõem. Um leitor pode adotar a postura de conceber o texto dotado de sentido em si mesmo independentemente de qualquer contexto, e ao mesmo tempo pensar o sentido do texto a partir de contextualizações. Tais contextos são sempre históricos e contingentes, ou seja, não ideais. Assim a leitura se torna um exercício de deslizamento, deslocamento e reversões e tem como efeito produzir novos sentidos.

A partir dos pensamentos teóricos referentes à interpretação apresentados acima, vamos detalhar como procedemos nossa metodologia de leitura tendo como objeto o texto *O Estádio do Espelho* (1949).

Nossa metodologia consiste na realização de quatro modalidades de leituras. Consideramos que a primeira leitura de qualquer texto como uma *leitura ingênua*. Trata-se de uma leitura curiosa, uma leitura que é válida, mas que tem seus limites. Realizamos assim uma primeira leitura dos textos de Lacan para ter uma noção geral do assunto abordado nas respectivas obras. Contudo, é preciso dar um passo

adiante, é preciso deixar de ser um leitor ingênuo e voltarmos ao texto com um olhar de pesquisador. A partir daí passamos a ler Lacan metodologicamente.

O passo seguinte é a realização de uma *leitura hermenêutica* do texto. A leitura hermenêutica está baseada na concepção de interpretação como contextualizar, descontextualizar e recontextualizar. A hermenêutica trabalha com a ideia de sentido e que, para recuperar o sentido de um texto através da leitura, é preciso levar em consideração os contextos internos e externos de um texto. Assim, buscamos encontrar no texto *O Estádio do Espelho* (1949) elementos relativos tanto aos contextos externos quanto aos contextos internos.

Se os contextos externos dizem respeito à época em que o texto foi produzido, podemos realizar uma série de indagações, a começar por nos perguntarmos o que estava acontecendo na época de produção do texto *O Estádio do Espelho* (1949). Ou ainda, quem era Lacan e o que ele estava fazendo? Como era o contexto político-social da França naquela época? Como se organizava o movimento psicanalítico? Os contextos internos, por outro lado, suscitam diferentes questões que dizem respeito ao tipo textual, se foi redigido como um artigo, uma comunicação para participação em Congresso, para uma conferência, entre outros. Contextos internos também dizem respeito a quais autores são referenciados, quais as teorias trabalhadas, ou seja, quais as influências estiveram presentes na formação do pensamento lacaniano desse período.

Nesse momento de nossa leitura adotamos uma hipótese. Nossa hipótese de leitura consiste em que Lacan desenvolveu sua teoria sobre o *Estádio do Espelho* apresentada em 1949 desde o ano de 1936. Ou seja, a partir de 1936, Lacan começa e continuou a desenvolver a ideia do estádio do espelho, até ela chegar à forma acabada no texto central que estamos lendo.

Por isso a leitura do texto central de nossa pesquisa *O Estádio do Espelho* (1949) será acompanhada da leitura dos textos antecedentes de Lacan. Estaremos atentos àquilo que nos remete diretamente as questões da construção da noção de

estádio do espelho. Continuamos assim a leitura desse texto com o objetivo de responder à pergunta da pesquisa: como se constitui o eu?

Desse modo, nosso percurso de análise parte, assim, de uma *leitura ingênua* para uma *leitura hermenêutica* com o objetivo de chegar à outra modalidade de leitura, a *clássica*.

A *leitura clássica* supõe que um texto tem um sentido e que ele trabalha para apresentar este sentido, que um texto é um todo organizado em partes e que estas partes trabalham para apresentar as teses que constituem um discurso. A leitura clássica é uma leitura sistematizante, buscando teses e sentidos.

Figueiredo (1999) defende que existem leituras clássicas boas e ruins. As boas leituras clássicas seriam leituras dogmatizante, mas que expõem de forma clara, concisa e justificada as teses do texto. As leituras dogmatizantes ruins seriam aquelas que “[...] esterilizam, fixam, reduzem as possibilidades de sentido”. (FIGUEIREDO, 1999, p. 16)

Para nos ajudar a compor nossas leituras, buscamos outros leitores de Lacan. Ou seja, buscaremos outros leitores de Lacan que produziram textos sobre os textos de Lacan sobre a teoria desenvolvida no primeiro período de sua obra, especialmente comentários sobre o *Estádio do Espelho*. Escolhemos três comentadores principais: Elisabeth Roudinesco, Phillippe Julien e Bertrand Olgivie.

Elisabeth Roudinesco é historiadora, psicanalista e professora na *École Pratique des Hautes Études* na França. É reconhecida atualmente como uma das maiores historiadoras do movimento psicanalítico. Tal reconhecimento tem em vista seu amplo acervo de livros, textos, produções, entrevistas, vídeos, documentários, relacionados e dedicados a historiar o movimento psicanalítico francês, com especial atenção para a história do psicanalista Jacques Lacan. Sua mãe, Jenny Albry, foi uma pediatra e psicanalista, frequentadora das ideias e amiga de Lacan, o que colocou Roudinesco em contato com Lacan desde cedo.

Dentre seus principais livros sobre a temática da psicanálise destacam-se *História da psicanálise na França*, livro lançado em dois volumes, ambos publicados em 1944 e traduzidos para o português. Outro livro seu, *Jacques Lacan – esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento*, publicado em 2008, é considerado uma espécie de biografia de Lacan. Em 2011 publicou *Lacan – a despeito de tudo e de todos* em comemoração aos 30 anos de morte de Lacan.

Muitos outros títulos somam-se a esses, como *Em defesa da psicanálise* (2009), *Dicionário de psicanálise* (1998), escrito em parceria com Plon, *A análise e o arquivo* (2006), *O paciente, o terapeuta e o Estado* (2005). Para a televisão, escreveu o roteiro do documentário *Sigmund Freud, a invenção da psicanálise*, junto com E. Kapnist no ano de 1977.

Nos livros de Elizabeth Roudinesco encontramos o estágio do espelho a partir de sua contextualização em certos acontecimentos de ordem histórica. Essa autora enreda as concepções do estágio do espelho em um contexto de época, datado, com eventos específicos que se misturam e aparecem no movimento das formulações de Lacan. Remonta em sua *História da psicanálise* elementos da ordem do acontecimento que não dissociam das posições teóricas lacanianas e sua elaboração.

Phillipe Julien é um psicanalista francês. É de sua autoria um livro chamado *O retorno a Freud de Jacques Lacan: a aplicação ao espelho* (1993), no qual Julien realiza uma leitura do estágio do espelho que pode ser considerada bastante freudiana, ou seja, acreditamos que esse autor coloca Freud como referência primeira para a concepção que encontramos em Lacan. Este autor considera que Lacan está debruçado sobre a 2ª tópica freudiana na época do desenvolvimento da teoria sobre o estágio do espelho. Nesse sentido o estágio do espelho aparece como uma leitura lacaniana do narcisismo freudiano. Vale lembrar que nesse período em que Lacan desenvolve a primeira teoria do estágio do Espelho, ou seja, de 1936 a 1949, ele ainda não se nomeava leitor de Freud.

Partindo de uma perspectiva distinta, sem deixar, porém, de considerar a influência freudiana na concepção do estágio do espelho, o psicanalista francês

Berthrand Ogilvie, em seu livro *Lacan, a formação do conceito de sujeito* (1932-1949), dá ênfase em sua leitura à inventividade lacaniana. Este autor postula que neste momento Lacan tomava Freud como apenas uma referência dentre outras. O psicanalista alemão, desse modo, não tinha ainda o destaque que viria a ter na obra lacaniana, principalmente a partir da década de 50.

Buscaremos, portanto, apresentar os pontos de encontro e choque entre os pensamentos dos autores acima elencados, as teses com as quais eles concordam e aquelas por meio das quais discordam entre si. Realizamos assim um recenseamento de alguns exemplos de leituras realizadas pelos comentadores que funcionam como pano de fundo das análises e comentários que serão apresentados em seguida.

Ao mesmo tempo em que trabalhamos nas etapas de leituras hermenêuticas e clássicas, nas quais buscamos contextualizar e apresentar o que está dito no texto lacaniano e o que está dito pelos comentadores, iremos trabalhar também a partir de uma quarta modalidade de leitura: a leitura *próxima, atenta e desconstrutiva*.

Nessa modalidade de leitura o pressuposto é que cada texto é uma máquina. Um texto não é um meio para transmitir um sentido – da mente do autor para a mente do leitor, como era pressuposto pela leitura ingênua, pela leitura hermenêutica ou pela leitura clássica. Partimos do pressuposto que o texto não quer transmitir uma ideia, um sentido ou uma tese, mas que o texto é uma estratégia, uma espécie de jogo para capturar o leitor e produzir determinados efeitos. Esses efeitos podem ser considerados como ideias ou sentidos, mas diferente das outras três modalidades, neste momento da leitura não é o sentido o que importa.

Podemos pensar da seguinte forma: na primeira *leitura ingênua* que fazemos, percebemos que há pontos escuros no texto, coisas que não compreendemos. Relemos o texto então na perspectiva de uma *leitura hermenêutica*, ou seja, contextualizamos e esclarecemos um pouco mais o que foi lido. Porém, ainda assim, restam questões, trechos que não conseguimos compreender. Então, para entender melhor o texto, buscamos autores que trabalharam o texto e o sistematizaram,

autores que apontam e explicam algumas teses do texto, a modalidade da *leitura clássica*. Porém, não acreditamos que os sentidos do texto se encerrem por aí.

Será que os pontos obscuros são dificuldades de interpretação do leitor ou são dificuldades do próprio texto? Será um texto difícil porque o autor escreve mal, porque ele não define os conceitos que utiliza ou será difícil por causa do estilo? Pode um texto ser difícil de propósito? Podemos considerar as dificuldades de um texto por conta de uma má tradução ou problemas editoriais? Ou será que o texto seja muito difícil porque o autor usa muitas metáforas, florões, jogos de palavra? Essas considerações dizem respeito a nossa quarta modalidade de leitura à medida que dizem respeito aos efeitos produzidos pelo texto.

Figueiredo (1999) diz que “[...] o bom leitor é um leitor atento. Atento às ‘impurezas’, às ‘irregularidades’, às ‘fraturas’ de que um texto é feito, às alteridades do/no texto”. O autor salienta ainda que “[...] para que algo se abra é preciso que algo esteja fechado”, por isso a necessidade de várias leituras: leituras contextualizantes e sistemáticas, leituras próximas, atentas e desconstrutivas, nas quais exploram-se “[...] as tensões, as trilhas perdidas, as pequenas aberturas do texto que a leitura clássica tende a fechar”. (FIGUEIREDO, 1999, p. 17-19).

Cabe salientar que esta modalidade de leitura *próxima, atenta e desconstrutiva*, não é uma modalidade de leitura que exista por si, mas pressupõe a *leitura ingênua, a leitura hermenêutica e a leitura clássica*. O conjunto dessas quatro modalidades de leitura compõe nossa metodologia de pesquisa, a partir da qual investigamos o texto de Lacan a ser analisado.

2. OS CONTEXTOS DE PRODUÇÃO DO TEXTO *O ESTÁDIO DO ESPELHO* (1949).

Nesse capítulo iremos apresentar os contextos no qual o texto *O Estádio do Espelho* (1949) foi produzido. Iremos considerar e apontar as principais influências no movimento de construção do pensamento de Lacan no primeiro período de sua obra. Para isso nos dedicamos a apresentar alguns dados da história de Lacan, de sua passagem da psiquiatria à psicanálise, os ambientes que Lacan frequentava nesse período, seus principais interlocutores, as teorias comentadas, os elementos do contexto social e político das décadas de 1930-1940. Além disso, iremos relacionar o aparecimento da teoria do *Estádio do Espelho* em relação às heranças freudianas pós década de 1920.

Para isso, organizamos nossa apresentação a partir de três sessões: 1) Alguns dados sobre a história e obra do psicanalista Jacques Lacan. 2) A aparição da expressão *Estádio do Espelho* nos textos produzidos entre os anos de 1936 e 1949. 3) Como a noção do *Estádio do Espelho* se localiza em relação às heranças freudianas pós década de 1920.

2.1 Um breve comentário sobre Jacques Lacan

Investigar os elementos que compõem o contexto do texto nos ajuda a compreender como se gerou a teoria do *Estádio do Espelho* apresentada em 1949. O contexto de produção do texto citado acima nos remete a várias questões, mas iremos começar pelo seu autor. Quem foi Jacques Lacan?

Para falar sobre Jacques Lacan acompanhamos Elisabeth Roudinesco, historiadora do movimento psicanalítico francês. Seu livro *Lacan – esboço de uma vida e história de um sistema de pensamento* (2008) é considerado pela própria autora como a terceira parte de seu livro em dois volumes *História da Psicanálise na França – a batalha dos cem anos* (1989). Em seus textos vemos a historiadora efetuar, a respeito de Lacan, o que a mesma chama de “um balanço da herança

desse mestre paradoxal”. Ao mesmo tempo em que comenta a maneira pela qual o trabalho do psicanalista francês repercute dentro e fora da comunidade psicanalítica.

A historiadora chama atenção para alguns fatores relacionados às interpretações sobre a pessoa de Lacan e sua obra. Aponta que é comum presenciar alguns “delírios” que periodicamente vêm à tona, acusações como “perverso”, “predador”, “maoísta”, “líder de seita”, Segundo a autora, tais boatos seguem seu caminho, de exagero em exagero.

No que se refere à história da psicanálise e à sua historiografia, é como se, *a posteriori* e em tal contexto, e a despeito do estabelecimento rigoroso dos fatos e da exploração de diversas verdades de múltiplas facetas, Lacan - depois de Freud, aliás, e todos os seus sucessores - continuasse a ser visto ora como demônio, ora como ídolo. (ROUDINESCO, 2011, p.11).

Em outro livro, *Lacan – a despeito de tudo e de todos* (2011), a mesma autora comenta que imaginara erradamente que seu trabalho “sereno, com base numa abordagem crítica” (ROUDINESCO, 2011, p. 9) seria capaz de aplacar as paixões presentes nas narrativas sobre o psicanalista. Ela admite, porém, que tal abordagem no campo lacaniano não foi suficiente para aplacar tais paixões no que diz respeito “tanto ao destino do homem como o desenvolvimento de seu pensamento”. (ROUDINESCO, 2011, p. 9).

A leitura dos textos de Roudinesco (2006; 2008; 2009; 2011) provoca uma sensação de ânimo diante dos relatos acerca do movimento psicanalítico francês. A autora menciona que os episódios da vida de Lacan e de sua obra estão misturados ao de toda uma geração, acredita que sua herança permanece “fecunda”. Atribui como características desse movimento a “liberdade de expressão e de costumes, o desabrochar de todas as emancipações, esperança de transformar a vida, a família, a loucura, a escola, o desejo”. (ROUDINESCO, 2011, p.14).

Lacan aparece como um personagem incansável, pois que buscava a verdade incessantemente e não parou de produzir e de reinventar e reformular suas concepções. Ou seja, um homem que estava sempre em busca de superar seu

próprio pensamento. A historiadora apresenta Lacan como uma pessoa que não parou de surpreender.

Lacan nasceu em Paris no ano de 1901 e morreu em 1981. Este homem viveu as duas grandes guerras mundiais, foi psiquiatra e psicanalista, um dos herdeiros de Freud a fazer Escola. Começou a ser celebrado a partir dos anos 1930 e teve seu apogeu entre os anos de 1950 e 1975, época em que “[...] exerceu seu mais pujante magistério sobre o pensamento francês, numa época em que a França [...] via-se como a nação mais culta do mundo” (ROUDINESCO, 2011, 15).

Lacan é um pós-freudiano. Apesar de Freud ainda estar vivo quando Lacan já circulava nos círculos psicanalíticos, não houve encontro entre os dois psicanalistas. Na década de 1930 temos o registro de pelo menos duas oportunidades para esse encontro acontecer: no Congresso de Marienbad, em 1936, mas Freud não pôde ir por estar doente em Viena. Inclusive a escolha da cidade de Marieband se deu pela proximidade entre as cidades para o caso de alguma emergência. A outra oportunidade teria sido em uma reunião com a presença de Freud promovida pela princesa Bonaparte na França. Lacan não compareceu a essa reunião por conta de sua relação pouco amigável com a princesa. Assim, Lacan jamais encontrou Freud. O único contato que temos registro é do envio de sua tese de doutorado a Freud, e a curta resposta recebida: “Obrigado pelo envio”. (ROUDINESCO, 2011).

A tese de doutorado em Psiquiatria foi a primeira publicação de Lacan na década de 30. Peter (2012) conta que Lacan trabalhou numa Enfermaria onde eram levadas pessoas que haviam cometido algum crime, mas que não poderiam ser responsabilizadas caso apresentassem um distúrbio mental. Essa enfermaria estava sob a direção de Clérambault, um dos mestres da psiquiatria francesa da época, criador do conceito de “automatismo mental”, de muita importância para o pensamento de Lacan.

Foi a partir do trabalho nessa Enfermaria que Lacan pôde elaborar sua tese de psiquiatria *Da psicose paranoica e suas relações com a personalidade* (1932). Foi orientado pelo psiquiatra Henri Claude (1869-1945), chefe da clínica do hospital parisiense de Saint-Anne. Lacan relata o fato de alguns pacientes se curarem após

cometerem um crime. A partir dessa observação, Lacan propôs um novo diagnóstico, denominado “paranoia de autopunição” (PETER, 2012).

De acordo com Peter (2012) “[...] a característica principal da paranoia de autopunição é o efeito de cura que um ato criminoso produz num sujeito que o comete em decorrência de um delírio”. O principal conceito que sustentava tal conclusão era o superego, o qual Lacan foi buscar na psicanálise, pois não era do campo da psiquiatria. Sobre esse ponto, Roudinesco (2008) afirma que:

[...] nenhuma entidade autopunitiva de tipo lacaniano virá enriquecer a nosologia psiquiátrica. Lacan não fará carreira em psiquiatria, a não ser a partir da psicanálise. E esquecerá que a tese marcava sua primeira intervenção no capô do freudismo, tanto assim que ele próprio irá data-la de 1936. (ROUDINESCO, 2008, p. 86).

Em 1933, Lacan publicou outros dois textos: 1) *O problema do estilo e a concepção psiquiátrica das formas paranoicas da experiência* e 2) *Motivações do crime paranoico: O crime das irmãs Papin*. Neste último, Lacan apresenta o relato do caso de duas irmãs empregadas domésticas em Paris, que em certo dia, por um motivo fútil – a falta de luz em casa – mataram e esquartejaram suas patroas⁶. Nesses dois textos Lacan avança na tese sobre a paranoia de autopunição e propõe outra explicação sobre os motivos dos crimes paranoicos. Dessa vez ele considera que o criminoso paranoico quer ser o outro o qual ele ataca, pois ele precisa anular o outro para existir e não se perder.

Saflate (2009) aponta que Lacan se opunha as perspectivas da psiquiatria hegemônica dessa época e insistia na “inadequação de perspectivas fundadas em reduções materialistas dos fenômenos mentais” (SAFLATE, 2009, p. 11). Esse autor aponta que é por conta da consciência sobre tal inadequação que Lacan se encaminhará a carreira de psicanalista. De forma que não cessará de “reconstruir os padrões fundamentais de racionalidade das práticas clínicas, através da defesa de um conceito de sujeito não redutível a qualquer forma de materialismo neuronal”. (SAFLATE, 2009, p. 11).

⁶ Ver mais em Marcio Peter, *O imaginário* (2012).

Assim, desde esse início de suas publicações, Lacan andava na contracorrente dos ideais de seu tempo, se contrapunha a ideia hegemônica que pensava que o indivíduo pudesse “adaptar-se” a uma realidade. De forma que sua tese não teve boa acolhida no meio psiquiátrico, mas foi recebida com entusiasmo pelos integrantes do movimento surrealista. Os elogios sobre a tese foram publicados em resenhas escritas pelo poeta René Crevel (1900-1935) e por Salvador Dalí (1904-1989) na revista *O surrealismo a serviço da Revolução* e numa nota do escritor Paul Nizan (1905-1940) no jornal comunista *L’Humanité*. (SAFLATE, 2009, p. 13).

O Surrealismo foi um movimento artístico e literário surgido na década de 1920. Esse movimento foi influenciado pelas teorias da psicanálise de Freud, pois considerava e enfatizava o inconsciente como um dos eixos centrais na atividade criativa. Acreditava que a arte poderia ser destruída pelo racionalismo por isso a aproximação com a psicanálise tornou-se fecunda.

O contato com artistas desse movimento se configurava como um campo de interlocução para Lacan a partir dos anos 30. Lacan participava e frequentava os surrealistas. A influência desse movimento artístico em sua obra, principalmente nesse primeiro período das décadas de 1930 e 1940 foi marcante. O reconhecimento era mútuo, pois foram os surrealistas que acolheram suas primeiras concepções sobre a paranoia de autopunição.

É sob o signo do primeiro Surrealismo – os sonos artificiais, dos médiuns e das mesas giratórias – que Lacan pretende instalar seu discurso sobre a coisa freudiana. (ROUDINESCO, 2009, p. 76).

As incursões dos surrealistas dentro da psicanálise e o ensino de Lacan tornaram a França um país onde a doutrina de Freud foi vista como “subversiva” e assimilada a uma “epidemia” semelhante a uma Revolução, de modo irredutível a qualquer forma de psicologia adaptativa. (ROUDINESCO, 2009, p. 83).

Outro dado histórico que marcou essa época foi o avanço do partido nazista e a eclosão da Segunda Guerra Mundial. No início dos anos 40 Paris esteve ocupada pelos alemães. O que causou bastantes migrações, principalmente de pessoas dos movimentos artísticos ou políticos. Paris foi libertada em 1944. Para Olgivie (1991) a

guerra também influenciou a produção de Lacan. Esse autor entende que Lacan produziu poucos textos no período entre 1936 e 1949 e atribui esse número reduzido de publicações ao acontecimento da Guerra.

De qualquer forma, desde a sua tese, Lacan dará início a uma longa produção que só findará com sua morte o ano de 1981. Temos acesso à sua obra a partir de dois tipos de produções, os intitulados *Seminários* e os *Escritos*.

Os seminários consistiram em momentos nos quais Lacan falava a um público de alunos e seguidores. Começaram oficialmente em 1951 e tiveram continuidade até o ano de 1980. As falas do psicanalista eram gravadas por seus alunos e posteriormente transcritas pelos mesmos. A partir de 1973 passam a ser redigidas versões de transcrição em coautoria com Jacques-Alain Miller. Trata-se da vertente oral do ensino de Lacan, um esforço contínuo de transmissão. Segundo Assoun (2004), os Seminários constituem o lugar vivo onde se elabora o “pensamento-lacan”. Contam-se ao todo 26 anos de ensino e 25 Seminários.

Já a publicação intitulada *Escritos* é composta por uma compilação de textos/artigos escritos pela mão de Lacan. Em 15 de novembro de 1966, contava então 65 anos de idade, o psicanalista entrega para publicação 34 artigos escritos entre 1946 e 1965, de um total de 50. Esses artigos haviam sido publicados em revistas de psicanálise, produzidos para apresentações de congressos. Trata-se de um do conjunto de suas conferências. A partir de 2001, Jacques-Alain Miller disponibiliza uma outra compilação de textos de Lacan, dessa vez com o título *Outros Escritos*. Neste, Miller reúne novos artigos escritos entre 1938 e 1980. (ASSOUN, 2004).

El año 1966 sella con *Ecrits*, publicado por ediciones Le Seuil el 15 de noviembre, el pasaje de Lacan al texto y su resonancia en el pensamiento francés. En esta época, Lacan es director de conferencias en la Ecole Pratique des Hautes Etudes (EPHE) (sección VI) y hace oír su voz en la Ecole Normale Supérieure (ENS) de la calle de Ulm, donde imparte su enseñanza gracias a Louis Althusser [...] Es aquí donde tiene lugar, en enero de 1964, el encuentro de Jacques-Alain Miller con Lacan. Miller se convertirá en el «transcriptor» de los Seminarios a partir de 1973. (ASSOUN, 2004, p. 35)

Lacan temia que a ideia de reunir em novecentas páginas, considerados como a “quintessência” de seu ensino pudesse ser desastrosa. Mas foi François Wahl, paciente de Lacan com o qual mantinha uma forte relação contratransferencial, que o ajudou na edição e na publicação dos *Escritos*. Tal publicação permitiu a Lacan tornar-se autor de uma obra escrita. Diferente da publicação dos Seminários, já que estes eram publicados em coautoria com seu genro Jacques Alain-Miller. (ROUDINESCO, 2011, p. 94).

Nesse aspecto, *Escritos* deve ser visto menos como um livro do que como a antologia de toda uma vida dedicada ao ensino oral. Daí o título *Escritos*, que pode significar traço, arquivo, alguma coisa que não se desfaz, não se vai, não pode ser furtada. (ROUDINESCO, 2011, p. 94-95).

Ausson (2004) se pergunta “Donde comienza, donde acaba esta obra? Hay una coherencia en su desarrollo tematico?” Para esse autor o Seminário, longe de ser uma coleção de temas, é um movimento de busca, de tradução. Tanto nos textos dos *Seminários* como nos *Escritos*, o trabalho de Lacan se dá em contínuo desenvolvimento. Ou seja, para pesquisa e investigação dentro da obra lacaniana torna-se uma exigência mínima situar e contextualizar o pensamento de Lacan ao momento que corresponde seu enunciado seja ele de origem oral ou escrita. (ASSOUN, 2004, p. 40).

Ainda que a obra de Lacan esteja dividida nessas duas esferas, do ensino oral e da marca do texto escrito, é possível compreendê-las a partir de uma unidade. Para Assoun (2004), a unidade da obra de Lacan está sob o projeto de “retorno a Freud”.

Aunque la Obra este repartida, ella anuncia un poderoso factor de unidad. .De donde puede venir la unidad de la obra de Lacan, o mas bien su reaprehension? De la «consigna» que organiza su proyecto, a saber: el «retomo a Freud». (ASSOUN, 2004, p. 17)

Assim, são esses dois blocos de publicações que constituem o acervo no qual podemos empreender pesquisas. De acordo com os autores citados, com os quais concordamos a partir de nossa experiência, ler Lacan para fins de pesquisa requer

uma sistematização do seu pensamento.

Peter (2012) aponta que para os iniciantes no trabalho de Lacan temos disponível algumas orientações, uma espécie de “introdução às introduções”. Porém, é preciso estar atento a orientações que prometam “chaves” de compreensão em demasia. Pois é preciso reconhecer que tais orientações, no que se refere à obra lacaniana, possuem um caráter didático e quase sempre, fala “[...] mais do percurso do introdutor do que do próprio Lacan. [...] Qualquer opinião sobre o ensino de Lacan depende do que o expositor leu e o que considera importante”. (PETER, 2012)

Jerusalinsky (1986) propõe algumas questões que nos ajudam a pensar sobre este ponto. Esse autor chama a atenção para o estabelecimento de “leituras totalizantes” do texto lacaniano. Segundo o autor, uma leitura totalizante suprime em ato a instância do inconsciente no âmbito da prática social da psicanálise, uma leitura fechada paralisa o *trabalho da palavra* de Lacan. E, por fim, se nos prestamos a tal leitura instrumentalizamos um modo de controle social. (JERUSALINSKY, 1986, p. 12)

[...] Certamente, escrever implica um assumir a responsabilidade de expor os próprios conceitos à fantasmática do outro. Lacan bem o sabia, e por isso deixou suas palavras ‘as soltas’, nas suas gravações, escritos vários e rascunhos, notas em mãos de seus inúmeros discípulos. Uma verdadeira diáspora de sua palavra (seus significantes), praticada na dispersão de seu arquivo. Uma obra trabalhada num estilo que resulta impossível de controlar (JERUSALINSKY, 1986, p. 12).

Outro aspecto que não podemos deixar de considerar é que os textos os quais temos acesso não foram inicialmente escritos, falados ou endereçados, para nós, leitores. Nos *Seminários* Lacan se endereçava ao seu público. Os textos dos *Escritos*, em sua maioria comunicações em Congressos, também possuem um endereçamento específico: os outros com os quais Lacan mantinha uma interlocução.

Isso quer dizer que ao ler Lacan, no nosso trabalho de pesquisa, muitas

vezes, nos sentimos como que entrando no cinema na metade do filme, ficamos um pouco perdidos. E isso pode nos levar a atribuir aos textos de Lacan a qualidade de difícil, de incompreensível.

Porém, vale lembrar com Roudinesco (2011), que somente a partir das publicações é que Lacan pôde passar de um psicanalista transgressivo, a um autor lembrado, ora odiado, ora admirado. E por isso podemos, a partir de leituras dos textos, tecer críticas, comentários ou interpretações de múltiplas maneiras.

2.20 *Estádio do Espelho* nas publicações lacanianas entre os anos de 1936 e 1949.

Nessa sessão apresentamos e contextualizamos como a expressão *Estádio do Espelho* aparece no percurso laciano delimitando-nos as produções no período entre os anos de 1936 a 1949.

No ano de 1936, a noção de *Estádio do Espelho* aparece em três momentos: 1) Reunião da Sociedade Psicanalítica de Paris (SPP), em 16 de junho de 1936 na França, antes do congresso em Marienbad. 2) Conferência sobre o *Estádio do Espelho* no XIV Congresso da *International Psychoanalytical Association* (IPA) em Marienbad. 3) Texto escrito logo após esse Congresso, durante as férias de Lacan em 1936 *Mais além do principio de realidade* (1936).

Vale destacar alguns acontecimentos que marcaram a produção de Lacan nesse período. No ano de 1936, Lacan se inicia na filosofia de Hegel a partir de sua participação no seminário do filósofo Alexandre Kojève (1902-1968) sobre a *Fenomenologia do espírito*. Neste seminário estava presente junto com Lacan nomes como o do poeta e escritor surrealista francês Raymond Queneau (1903 - 1976) e do também escritor francês Georges Bataille (1897 - 1962). A participação nesse seminário e o contato com o pensamento de Kojève será uma inspiração para sua primeira concepção do *Estádio do Espelho*, bem como sua construção da noção de eu, de sujeito dentro da tópica do imaginário.

A freqüentação do seminário do filósofo Alexandre Kojève (1902-1968) permitiu a Jacques Lacan, a partir de 1933, iniciar-se na filosofia hegeliana e se interrogar sobre a gênese do eu, por intermédio de uma reflexão filosófica concernente à consciência de si. (ROUDINESCO e PLOM, 1998, p. 194)

Essa participação no Seminário de Kojève ficou marcada como uma referência para a forma da leitura que Lacan fará de Freud nas décadas seguintes. Além disso, esse curso teria possibilitado e ampliado um estilo de ensino de Lacan, e segundo Ogilvie (1991) "formular sua hipóteses e observações clínicas num vocabulário filosófico muito distanciada das referências costumeiras da psiquiatria e da psicanálise. [...] Afasta-se de uma simples adesão à tradição freudiana institucional". (OGILVIE, 1991, p. 104).

A partir de outubro-novembro de 1933, quando teve início o seminário de Alexandre Kojève, Lacan, embora ainda não frequentasse esse seminário, começava a descobrir a "verdadeira" fenomenologia hegeliana, seja por intermédio dos artigos de Koyré, seja por meio de outras fontes [...] mas será preciso esperar o ano de 1936 para que o encontro com o sistema hegeliano traga realmente seus frutos, a partir da dupla experiência do divã de Loewenstein e do seminário de Kojève." (ROUDINESCO, 2008, p. 95-96).

Foi em 1936 que aconteceu em Marienbad o Congresso da IPA. Naquele momento Lacan tinha sua estreia num Congresso da IPA. Lacan, então desconhecido dos círculos ipeístas, tinha ali uma comunicação a fazer. Essa comunicação está registrada com o título em inglês *The Looking-Glass Phase*, ou como aponta Roudinesco (2006), com o título francês *Le stade du miroir. Théorie d'un moment structurant et génétique de la constitution de la réalité, conçu en relation avec l'expérience et la doctrine psychanalytique - O estádio do espelho. Teoria de um momento estruturante e genético da constituição da realidade, concebido e a relação com a experiência e a doutrina psicanalítica*. A participação de Lacan acaba por torna-se um evento marcante por conta de um acontecimento ligado a sua apresentação citado no capítulo 1.

Aos 18 minutos de sua fala, o então presidente da IPA e coordenador do Congresso, Ernest Jones, interrompe sua fala e pede para que ele a encerre. Disto

ocorreram dois desdobramentos: a retirada de Lacan antes do final desse Congresso para assistir a XI Olimpíadas em Berlim, que ocorreu de 1 a 16 de agosto, sob o comando nazista até então; e o não envio do texto de sua comunicação para os anais desse Congresso. Não podemos afirmar os motivos que levaram Lacan a não enviar seu escrito, mas torna-se muito sugestivo pensarmos o fato do não envio e sua relação com a interrupção de sua fala por Ernest Jones.

Para Roudinesco (2006), há um elo entre a maneira como Lacan foi interrompido durante o Congresso de Marienbad e a forma como, contra a IPA, ele praticou sessões curtas⁷ mais tarde. Em vários textos a historiadora faz menção à relação complexa de Lacan com o tempo. Lacan seria sempre “lento demais para realizar o que deseja, [...] não cessará de lutar para dominar o tempo, sem jamais ser capaz de se limitar”. (ROUDINESCO, 2006, p. 34).

A entrada de Lacan na psicanálise ficará então marcada pela ausência do registro de um texto. O texto da apresentação do Congresso de 1936 não existe, tem sua extensão apagada.

Porém, ainda em 1936, dois meses antes do Congresso, Lacan participa de uma reunião da Sociedade Psicanalítica de Paris (SPP) onde lê o texto de sua apresentação no Congresso que viria a seguir. Dessa reunião temos as notas da psicanalista francesa Françoise Dolto (1908-1988) que relatam tópicos e questões levantadas por Lacan naquele momento. Estas notas foram publicadas sob o título de *Notas de Françoise Dolto na S.P.P., de 16 de junho de 1936 no International Journal of Psychoanalysis* em 1937.

Sabemos com Boni Junior (2010) que Gérard Guillerault publicou as anotações de Dolto como anexo no livro *Le miroir et la psyché. Dolto, Lacan et le stade du miroir* pela editora Gallimard em 2003. E no ano de 2005 este livro foi traduzido para o espanhol como *Dolto, Lacan Y El Estadio del Espejo*. (Boni Júnior, 2010, p. 31).

O conteúdo destas notas evidencia como a noção do *Estádio do Espelho*

⁷ A partir da década de 1950, Lacan contraria a regra da IPA de padronização do tempo das sessões em 50 minutos e passa a trabalhar com sessões de tempo variado, ou sessões curtas, como ficou conhecido.

apresentada em Marienbad foi reproduzida em trabalhos posteriores de Lacan. A partir destas Notas temos o registro da apresentação dividida em nove partes:

1) O sujeito e o eu. 2) O sujeito, o eu e o corpo próprio. 3) A expressividade da forma humana. 4) A libido da forma humana. 5) A imagem do duplo e a imagem especular. 6) Libido ou desmame e instinto de morte. Destruição do objeto vital. O narcisismo. 7) Seu elo com o simbolismo fundamental no conhecimento humano. 8) O objeto encontrado no Édipo. 8) Valores dos sintomas narcísicos: os gêmeos. (ROUDINESCO, 2006, p. 33-34).

Na reunião em que as Notas de Dolto foram produzidas houve uma discussão durante a qual intervêm Marie Bonaparte, Daniel Lagache, George Parcheminey, Rudolph Loewenstein, René Laforgue, Paul Schiff e Charles Odier. As questões colocadas pelos psicanalistas nesta ocasião foram: “o eu é o corpo próprio e a fantasia, a imagem especular?” “O que é o eu [je] em relação ao eu [moi] à personalidade?” É pedido a Lacan que ele defina melhor suas posições, ao passo em que Lacan responde a cada um dos participantes. (ROUDINESCO, 2006, p. 34-35)

Dessa forma, sobre a apresentação do *Estádio do Espelho* em Marienbad temos apenas o registro de seu título, tanto em francês como em inglês, e as notas de Dolto.

Continuando nossa contextualização sobre as publicações onde aparece a discussão sobre o *Estádio do Espelho*, temos então o texto posterior ao Congresso, “*Para-além*” do princípio de realidade (1936). Foi escrito por Lacan em suas férias do verão de 1936. Nesta ocasião, sua então primeira mulher, Marie-Louise Blondin, estava grávida de cinco meses do primeiro filho do casal. Nessa data Lacan contava 35 anos. (ROUDINESCO, 2006)

Roudinesco (2008) classifica esse texto redigido na volta de Marienbad, como um texto no qual Lacan pela primeira vez ligava os interesses de uma necessária revolução freudiana aos de uma hipotética segunda geração dos anos 1930. Assim,

a historiadora sugere que desde a década de 1930, Lacan já apontava aquilo que na década de 1950 ficaria marcado como seu Retorno a Freud.

“*Para- além*” do *princípio de realidade* (1936) trata mais diretamente do tema da experiência psicanalítica, da revolução do método freudiano em relação à psicologia associacionista dominante do final do século XIX. A psicologia dita científica do final do século XIX é baseada numa concepção associacionista do psiquismo.

Lacan tece uma crítica à psicologia associacionista à medida que comenta o que esta entende por psicológico. A crítica ocorre basicamente a partir da noção de ilusão, que na psicologia associacionista é da ordem da percepção e da imagem e fica relegado a algo à margem. Aquilo que aparece como fenômenos de ilusão está em oposição ao campo da verdade do sujeito, pois tais fenômenos aparecem como obstáculos a tal verdade.

Lacan toma o fenômeno da alucinação como objeto de análise. Na psicologia associacionista o fenômeno da alucinação é tomado por uma ordem sensorial. Isso implica tomar a alucinação ao “alcance absolutamente mítico que a tradição filosófica conferia a esse fenômeno na questão acadêmica referente ao erro dos sentidos” (LACAN, 1936, p. 81).

Para comentar sobre isso Lacan traz os problemas acerca da imagem: nessa época ele considera a imagem como fenômeno mais importante da psicologia “pela riqueza de seus dados concretos, o é também pela complexidade de sua função, complexidade esta que não se pode tentar abarcar num único termo, a não ser o de função de informação” (LACAN, 1936, p. 81). O que interessa a Lacan é mostrar como a imagem tem função para além de ilusão. Ou melhor, que a ilusão não deve ser relegada a um erro dos sentidos, mas há algo mais importante.

Na teoria do *Estádio do Espelho* é pela identificação com a imagem do outro que se constitui o eu. Lacan opera com o *Estádio do Espelho* é um deslocamento do lugar da “ilusão” dentro das concepções científicas. E para isso Freud o ajuda, pois, segundo ele, com o método da associação livre, Freud dá lugar, ao invés de excluir

como faz a ciência dominante na época, a esses fatos de ilusão. Ao fazer do relato do paciente o principal motor do tratamento.

Assim, admite que o método freudiano inaugura uma oposição a essa concepção da psicologia reinante até então. Por isso faz um elogio à experiência psicanalítica que retoma como sendo do sujeito aquilo que a ciência exclui. O método da associação livre é uma demonstração de como Freud resgata esse resto da ciência excluído como parte do tratamento.

Assim se constitui o que podemos chamar experiência analítica: sua primeira condição formula-se numa lei de não-omissão, que promove ao nível do interesse, reservado ao notável, tudo aquilo que "se compreende por si", o cotidiano e o comum; mas ela é incompleta sem a segunda, ou lei de não-sistematização, que, postulando a incoerência como condição da experiência, atribui uma presunção de significação a qualquer rebotalho da vida mental, ou seja, não apenas as representações das quais a psicologia de escola vê apenas o absurdo - roteiro do sonho, pressentimentos, fantasias do devaneio, delírios confusos ou lúcidos, mas também aos fenômenos que, por serem totalmente negativos, não tem, por assim dizer, estado civil: lapsos de linguagem e lapsos da ação. Observe-se que essas duas leis, ou melhor, regras da experiência, a primeira das quais foi isolada por Pichon, aparecem em Freud em uma só, que ele formulou, segundo o conceito então reinante, como lei da associação livre." (LACAN, 1936, p. 85).

Ainda nesse texto aparecem duas perguntas que Lacan diz pretender responder em uma segunda parte anunciada neste artigo: Como se constitui, através das imagens – como objetos de interesse – essa realidade na que concorda universalmente o conhecimento do homem? Como através das identificações típicas do sujeito se constitui o eu, no qual aquele se reconhece? Essa segunda parte do artigo não foi realizada, porém podemos pensar junto com nossos comentadores que tais questões tiveram desdobramentos em textos seguintes.

Seguindo um caminho cronológico, vale destacar outra passagem no texto de Roudinesco (2008). Trata-se do registro de um comentário feito por Lacan em uma conferência de Marie Bonaparte no *International Journal of Psychoanalysis* datada de 1937. Essa autora considera que se encontra aí a melhor definição da noção do *Estádio do Espelho* até 1938. Reproduziremos o comentário tal qual consta no texto

de Roudinesco:

Trata-se dessa representação narcísica que tentei expor no congresso internacional ao falar do 'estádio do espelho'. Essa representação explica a unidade do corpo humano; por que essa unidade deve afirmar-se? Precisamente porque o homem sente de maneira mais penosa a ameaça desse despedaçamento. É nos seis primeiros meses de prematuração biológica que vem fixar-se a angústia. (LACAN *apud* ROUDINESCO, 2008, p. 159)

O momento seguinte do qual temos registro sobre a aparição da concepção do *Estádio do Espelho* é um texto de Lacan datado de 1938. Henri Wallon (1879-1962), psicólogo francês, pede a Lacan que este escreva um artigo intitulado *Família*. Esse texto está publicado no Brasil sob o título de *Os complexos familiares* (1985). Nesse texto Lacan dedica uma parte exclusiva sobre o *Estádio do Espelho* localizado sob a denominação de complexo do intruso. De acordo com Roudinesco (2006), segundo as próprias palavras de Lacan, esse artigo possui o conteúdo da conferência de Marienbad em 1936.

Dessa forma, o conteúdo da conferência de 1936 coincide com a segunda parte do artigo, intitulada *O complexo de intrusão*. Vem em seguida um parágrafo sobre *O ciúme, arquétipo dos sentimentos sociais*, onde estão agrupados diversos subparágrafos com os seguintes títulos: *Identificação mental*, *A imago do semelhante*, *O estádio do espelho* compreende duas partes: 1. Poder segundo da imagem especular; 2. Estrutura narcísica do eu. (ROUDINESCO, 2006, p. 33)

Pelos registros da historiadora sabemos que Lacan tomou o termo *Estádio do Espelho* de empréstimo justamente do psicólogo Henri Wallon, o mesmo que encomendou o artigo *Família*, a Lacan. Tal empréstimo não foi assumido por Lacan, mas foi revelado pela historiadora e por diversos comentadores do *Estádio do Espelho*.

Em 1931, Henri Wallon deu o nome de “prova do espelho” a uma experiência pela qual a criança, colocada diante de um espelho, passa progressivamente a distinguir seu próprio corpo da imagem refletida deste. Essa operação dialética se efetuará, segundo Wallon, graças a uma compreensão simbólica, por parte da

criança, do espaço imaginário em que ele forjava sua unidade. Nesse sentido, a perspectiva walloniana, a prova do espelho especificava a passagem do especular para o imaginário e, em seguida, do imaginário para o simbólico. (ROUDINESCO e PLON, 1998, p. 194).

Vale destacar, porém, que Lacan tomou de empréstimo apenas a expressão. Pois que em sua elaboração teórica o psicanalista inspirava-se mais em Kojève e a filosofia de Hegel e menos na psicologia de Henri Wallon. Seguindo Kojève, Lacan se interessava pela perspectiva na qual se admitia que o pensamento moderno dos anos 1930 registrava uma nova revolução: “a passagem de uma filosofia do *eu penso* (Descartes) para uma filosofia do *eu desejo* (Freud, Hegel)”. E assim pensava o outro ou a alteridade como objeto de uma consciência desejante. (ROUDINESCO, 2011, p. 27).

Dessa forma, Lacan, o qual Roudinesco (2011) compara a um pintor surrealista, transforma a terminologia de Wallon de uma perspectiva psicológica para uma perspectiva psicanalítica. Ou seja, de uma "prova do espelho" para um "estádio do espelho".

Assim fazia desaparecer toda referência a uma dialética natural. Na perspectiva lacaniana, o estádio do espelho tornava-se uma operação psíquica, até mesmo ontológica, pela qual o ser humano é constituído numa identificação com seu semelhante. (Roudinesco, 2011, p. 28).

Após o texto dos *Complexos familiares* (1938) teremos ainda outros dois, são eles: *Formulações sobre a causalidade psíquica* (1946) e *A agressividade em Psicanálise* (1948). Nesses textos a questão da imagem é discutida e o *Estádio do Espelho* é citado.

O texto *Formulações sobre a causalidade psíquica* (1946) foi preparado e apresentado como conferência no colóquio de Bonneval. Esse “colóquio reunia, no imediato pós-guerra, e sob a batuta de Henri Ey, todos os representantes da psiquiatria dinâmica e humanista.” (ROUDINESCO, 2011, p. 32).

Nessa ocasião, “enquanto Henri Ey sugeria fundir neurologia e psiquiatria, a fim de elaborar uma abordagem organodinâmica do psiquismo, Lacan preconizava repensar o saber psiquiátrico tomando como modelo o inconsciente freudiano.” (ROUDINESCO, 2011, p. 32).

Para Lacan, a psicanálise atribuía uma dimensão humanista à psiquiatria, em oposição aos cientificistas, que reduziam o homem a uma máquina. Lacan era radicalmente contra a ideia de uma descrição dos sintomas separada do vivido subjetivo da loucura. (ROUDINESCO, 2011, p. 32)

O texto *Agressividade em psicanálise* (1948) o *Estádio do Espelho* aparece para sustentar a noção sobre a agressividade em contraposição a noção de pulsão de morte em Freud. Esse texto tem como objetivo mostrar que a noção de agressividade está associada à dualidade especular. Nesse sentido, Lacan empreende uma crítica à pulsão de morte em Freud. Ele pretende se afastar da sustentação biologicista na teoria da pulsão de morte e para isso, propõe a constituição da agressividade no cerne da constituição do eu. É pela dualidade especular que o eu briga com a sua própria imagem no espelho.

Chegamos então a 1949. Ano que marca a segunda conferência sobre o *Estádio do Espelho*, da qual se originou o texto objeto de nossa pesquisa. Tal Congresso aconteceu em Zurique, em 1949. Ernest Jones estava presente e, dessa vez, não houve interrupção em sua comunicação.

Dessa comunicação em 1949 há dois registros. O registro do texto nos anais do Congresso. Dessa vez Lacan não hesitou que entregar seu texto para tal publicação. Foi Monique Lévi-Strauss, amiga de Lacan, que datilografou o manuscrito acompanhado por “explicações luminosas” feitas por Lacan. E o registro da publicação na compilação *Escritos*, em 1966. (ROUDINESCO, 2011, p. 29).

Sobre o texto de 1949, pelos menos em três aspectos merecem destaque em nossa contextualização, são eles: 1) Marca uma diferença teórica entre Lacan, Anna Freud e Melanie Klein. 2) Marca o surgimento de uma noção que continuará em elaboração e formulação ao longo de seu ensino, a constituição do eu [je], o sujeito. 3) O encaminhamento para a elaboração teórica a partir da tópica do simbólico,

marcada pelas referências ao estruturalismo e a linguística.

Em 1949, portanto, Lacan não defendia mais as mesmas posições de antes da guerra. Não apenas se reportava à obra de Melanie Klein e à de Claude Lévi-Strauss, como levava em conta os princípios da lingüística de Ferdinand de Saussure, passando, assim, de uma representação existencial do sujeito fundada na fenomenologia a uma concepção estrutural da subjetividade, segundo a qual o sujeito está, antes de tudo, imerso na linguagem, ou seja, numa função simbólica que o determina à sua revelia. (ROUDINESCO, 2011, p. 32).

A partir das leituras dos textos entre 1936 e 1949 podemos apontar que a teoria do *Estádio do Espelho* continuou em elaboração durante esse período. Por isso podemos encontrar referências e associações diretas ao tema do *Estádio do Espelho* em qualquer um dos textos publicados naquela época.

2.3 O Estádio do Espelho no contexto das heranças freudianas

O desenvolvimento da concepção do *Estádio do Espelho* no período entre 1936 e 1949 está fortemente associado ao contexto das interpretações da Segunda Tópica do aparelho psíquico em Freud e as definições das instâncias psíquicas, especialmente o eu.

O que é o eu? Na definição no Dicionário de Roudinesco e Plon (1998) o eu é: “Termo empregado na filosofia e na psicologia para designar a pessoa humana como consciente de si e objeto do pensamento”. (ROUDINESCO e PLON, 1998, p. 210).

Para Peter (2012), a noção de eu no “sentido estritamente psicanalítico” corresponde à concepção que aparece após os anos 20 em decorrência das novas compreensões sobre a pulsão de morte, o masoquismo primário e a segunda tópica freudiana, esta última reordenou as relações entre as instâncias psíquicas e as novas formulações.

A primeira noção de eu em Freud data do final do século XIX e é equivalente à concepção da psicologia de sua época. No final de 1895, Freud se dedicava a explicar os fenômenos psicológicos em termos fisiológicos. Peter (2012) situa que foi

no texto *Projeto para uma psicologia científica (1895)*, dentro de um contexto psicofisiológico, que Freud propôs pela primeira vez uma formalização de um eu.

Já no texto, *Estudos sobre a histeria (1893-1895)*, de Freud em parceria com Breuer, Peter (2012) aponta que a noção de eu apontava para a ideia de uma personalidade em seu conjunto. Porém, a prática clínica tornou tal ideia pouco sustentável. Assim, Freud desmancha a noção de eu como uno ou permanente, bem como abandona a explicação do psiquismo a partir da fisiologia. A partir de então veremos a substituição de um “corpo de neurônios catexizados” para a noção de “corpo erógeno” ou “corpo libidinal”.

A partir de 1910, a clínica leva Freud a pensar o eu sob o domínio da sexualidade, ou seja, o eu aparece agora fundado na pulsão. As pulsões do eu eram identificadas com as pulsões de auto conservação. As funções atribuídas ao eu naquela época, tais como o pensamento, a motricidade e a percepção passam a ser funções libidinais. (PETER, 2012).

Em 1914, Freud publica o famoso texto *Introdução ao Narcisismo (1914)*. Com a formalização do conceito de narcisismo o eu passa a ser definido como objeto de amor, ou seja, o eu é objeto das pulsões e o eu toma a si próprio como objeto de amor. A partir daí “[...] o eu passou a ser considerado por Freud um grande reservatório de libido, de onde ela é enviada para os objetos, e que também recebe parte da libido que reflui dos objetos.” (PETER, 2012, p. 18).

O texto *Além do princípio do prazer (1920)* marca outra passagem teórica importante: a descoberta de Freud acerca do fenômeno da compulsão à repetição nas neuroses traumáticas no pós-guerra. Desse modo, a passagem entre a primeira perspectiva do eu para a segunda tópica freudiana tem como trabalho teórico articulador o acima mencionado. (VANDERMERSCH e CHEMAMA, 2007, p. 134).

Freud lança, em 1923, a segunda tópica do aparelho psíquico. A segunda tópica é aquela onde Freud (1923) organiza o aparelho psíquico a partir de três instâncias: o Isso, o Eu e o Supereu. Nessa perspectiva o Eu deixa de ser remetido

apenas como sede da consciência e passa a ser compreendido como instância com uma parte inconsciente. Além disso, a segunda tópica marca, na teoria freudiana, um novo dualismo pulsional que estabelece como opostas entre si as pulsões de vida e as pulsões de morte.

Assim, a noção de eu em Freud está marcada pela existência de dois momentos principais: um antes e um depois da década de 1920. Antes da década de 1920 o eu em Freud demarcava a sede da consciência, inserido em sua primeira tópica, que entendia o aparelho psíquico a partir das instâncias do consciente, pré-consciente e o inconsciente.

No Dicionário de Psicanálise (1998) encontramos o seguinte comentário: “falar do eu, na teoria freudiana, equivale a refazer a história da técnica psicanalítica, com suas hesitações, seus impasses e suas descobertas”. (VANDERMESCH e CHEMAMA, 2007, p. 134). São as diversas leituras do texto e do movimento de construção teórica em Freud que levariam a criação de várias vertentes pós-freudianas.

A diversidade de interpretações do texto freudiano que apresenta a segunda tópica, *O Eu e o Id* (1923), marcará o campo das heranças freudianas. De acordo com o Dicionário de Psicanálise de Roudinesco e Plon (1998, p. 210):

Essa segunda tópica (eu/isso/supereu) deu origem a três leituras divergentes da doutrina freudiana: a primeira destaca um eu concebido como um pólo de defesa ou de adaptação à realidade (Ego Psychology, annafreudismo); a segunda mergulha o eu no isso, divide-o num eu [moi] e num Eu[je] (sujeito), este determinado por um significante (lacanismo); e a terceira inclui o eu numa fenomenologia do si mesmo ou da relação de objeto (Self Psychology, kleinismo). (ROUDINESCO e PLON, 1998, p. 210).

Miller (1998) observa que levar em conta as variações de interpretação do texto freudiano após a década de 1920 não corresponde apenas a um capítulo da história da Psicanálise. Ele compreende que o annafreudismo, o kleinismo e o lacanismo surgem e fazem sentido quando colocados um em relação ao outro seja

para se diferenciarem, ou seja, para se aproximarem. Nesse sentido, “ser lacaniano faz sentido em relação a ser kleiniano”, por exemplo. (MILLER, 1998, p. 6)

No livro *O ego e os mecanismos de defesa* (2006), Anna Freud defende a centralidade do Ego⁸ nas atenções teóricas e práticas da Psicanálise. A psicanalista lembra que houve períodos no desenvolvimento da teoria psicanalítica em que o estudo do ego individual foi impopular. Nesse contexto, os psicanalistas conceberam a ideia de que, na análise, o valor do trabalho terapêutico estava na proporção direta da “profundidade das camadas psíquicas sobre as quais incidia a atenção”. (ANNA FREUD, 2006, p. 9)

Porém, nesse livro, Anna Freud (2006) defende que não se trata de manter o foco nessas “camadas psíquicas mais profundas”, pois assim se perde o rigor e a exatidão quando aplicados à terapia psicanalítica. Ela vai mais longe e coloca explicitamente que a análise, como método terapêutico, desde o início preocupou-se com o ego e suas aberrações. Dessa forma, as investigações sobre o id seriam apenas um meio para se alcançar um fim. Para Anna Freud, então, o fim seria sempre o mesmo: “a correção dessas anormalidades e a recuperação do ego, em sua integridade”. (ANNA FREUD, 2006, p. 9-10)

Atualmente, definiríamos a tarefa da análise da seguinte maneira: adquirir o máximo conhecimento possível de todas as três instâncias que acreditamos constituírem a personalidade psíquica e aprender quais são as suas relações mútuas com o mundo externo. O que significa: em relação ao ego, explorar o seu conteúdo, suas fronteiras e funções e apurar as influências do mundo externo, no id e no superego pelas quais foi moldado; e, em relação ao id, dar uma explicação das pulsões, isto é, do conteúdo do id e acompanhar as transformações por elas sofridas. (ANNA FREUD, 2006, p. 10)

Anna Freud (2006) aponta que as três instâncias psíquicas - Id, Ego e Superego - variam em relação a sua acessibilidade à observação. No caso do superego, seu conteúdo é, em sua maior parte, consciente e podemos alcançá-lo diretamente através da percepção endopsíquica. Em relação ao Id, ela aponta que,

⁸ O Termo Ego é a tradução americana do termo Eu. Utilizaremos o termo Ego quando estivermos falando das teorias de Anna Freud e no que for relativo ao campo da Ego Psychology.

teoricamente o id não é acessível à observação. E assim, chega à conclusão de que, o único campo adequado de observação é o ego. É através do ego que se pode obter uma imagem das outras suas instâncias. (ANNA FREUD, 2006, p. 10-11)

De acordo com o período da vida e da estrutura do sujeito, o ego individual seleciona diferentes métodos de defesa, estes podem ser o recalçamento, deslocamento, inversão etc. Para Anna Freud (2006), a tarefa do analista é trazer à consciência o que está inconsciente, seja qual for a instância psíquica a que o material pertença. (ANNA FREUD, 2006, p. 29)

Roudinesco (2008) diz que nos idos de 1936, tanto Melanie Klein como Lacan, desenvolviam suas teses acerca da constituição psíquica do sujeito. Tanto um quanto o outro já se colocavam numa posição de oposição as concepções de Anna Freud que posteriormente ganharão o nome de Ego Psychology.

Duas opções eram, com efeito, possíveis a partir da reelaboração freudiana de 1920. Uma consistia em fazer do eu o produto de uma diferenciação progressiva do isso, agindo como representante da realidade e tendo a cargo manter as pulsões (ego psychology); a outra, ao contrário, voltava as costas a toda ideia de autonomização do eu para estudar sua gênese em termos de identificação. Em outras palavras: na primeira opção buscava-se tirar o eu do isso a fim de fazer dele o instrumento de uma adaptação do indivíduo à realidade externa, enquanto na segunda ele era reconduzido de volta ao isso a fim de mostrar que se estruturava por etapas em função de imagos emprestadas do outro. (ROUDINESCO, 2008, p. 158).

Até 1936 Melanie Klein havia escrito dois livros: 1) *Psicanálise de Crianças* (1932), seguido por 2) *Uma contribuição à psicogênese dos estados maníaco-depressivos* (1935). Já Anna Freud publicou *Tratamento psicanalítico de crianças* (1927), ocasião em que esta acusava Klein de não fazer psicanálise. A grande questão estava remetida a uma Psicanálise de crianças propriamente dita, tomar a criança em análise, enquanto do outro lado estava posto que a criança só poderia ser abordada numa psicanálise a partir de seus pais ou de uma Pedagogia, ou seja, considerava-se que a criança não era passível de transferência.

Para Roudinesco (2008) Melanie Klein começava a construir uma doutrina da estrutura do sujeito e de seu imaginário que respondia as interrogações de uma

época. E aponta que essas também eram as interrogações de Lacan e da segunda geração psiquiátrico-psicanalítica francesa.

A autora faz um paralelo de questões e temas entre Melanie Klein e Lacan. Aponta que nos dois havia questionamentos semelhantes, tais como: as doutrinas que separavam o normal e o patológico, o tema da história da loucura no sujeito humano, trabalhar no terreno da psicose, a busca pelo enigma da condição imaginária e seus elementos mais arcaicos da relação de objeto. Mas cada um desenvolveu tais questões por vias diferentes.

Essas vias que o separavam perpassam pela escolha da fonte de interlocução. Enquanto Melanie Klein partiu e desenvolveu suas teorias a partir de dentro do freudismo, Lacan buscava sempre apoio em outros saberes exteriores ao freudismo, à psiquiatria, ao surrealismo, à filosofia. É justamente por esse percurso exterior à obra de Freud que o fará ler Freud da maneira como o leu. (ROUDINESCO, 2008)

E, de fato, após o encontro com a epopeia surrealista, foi o convívio com Alexandre Koyré, Henry Corbin, Alexandre Kojève e Gerorge Bataille que lhe permitiu iniciar-se numa modernidade filosófica que passava pela leitura de Husserl, Nietzsche, Hegel e Heidegger. Sem essa iniciação, a obra de Lacan teria permanecido para sempre prisioneira do saber psiquiátrico ou de uma apreensão acadêmica dos conceitos freudianos. (ROUDINESCO, 2008, p. 124).

Miller (1998) e Roudinesco (2008) concordam que Lacan e Klein compartilhavam do mesmo questionamento: ambos queriam explicar de onde vem o eu e a constituição do sujeito. Ambos se opunham da *Ego Psychology*, pois esta deixava para trás a questão do inconsciente para dar ênfase ao ego. Lacan quer mostrar que o eu não é uma substância, mas uma instância imaginária. Aí o *Estádio do Espelho* para demonstrar como se forma esta instância imaginária, instância que não pode ser central para a psicanálise.

Se Melanie Klein enfatiza a fase pré-edipiana do desenvolvimento psíquico, consagrando sua atenção ao estudo das relações arcaicas mãe-filho e a seu conteúdo pulsional negativo, o procedimento de Jacques Lacan volta-se desde logo para a análise das condições de emergência de um sujeito do inconsciente, apanhado em sua origem,

na armadilha do eu, que é constitutivo do registro do imaginário. (ROUDINESCO e PLON, 1998, p. 213).

Em outras palavras. O que aproxima Klein e Lacan é a oposição de ambos à apropriação do eu realizada pela *Ego Psychology*. Ou seja, ambos propõem uma leitura da segunda tópica freudiana no sentido contrário ao da psicologia do ego. De modo que em Lacan, a concepção do *Estádio do Espelho* introduz uma lógica especular que, desde 1936, aparece como uma crítica à Psicologia adaptativa que faz do Ego o lugar de ideal. (QUEIROZ, 2007, p. 66).

Assim se formaram duas correntes, destinadas a se tornar dominantes na psicanálise norte-americana: o annafreudismo e a *Ego Psychology*, em torno de Anna Freud, por um lado, e de Heinz Hartmann, por outro, para privilegiar o eu e seus mecanismos de defesa, em detrimento do isso, do inconsciente e do sujeito. [...] Outras correntes, como o kleinismo e o lacanismo, adotam uma orientação radicalmente oposta, na perspectiva de um “retorno ao inconsciente”, seguindo caminhos que, por outro lado, são bem distintos entre si. (ROUDINESCO e PLON, 1998, p. 213).

O *Estádio do Espelho* aparece como um esforço teórico em retirar o foco do Ego como uma função a ser reforçada no sujeito. Ou seja, Lacan começava a defender uma interpretação freudiana a partir da qual se organizaria seu ensino e a Escola lacaniana.

Podemos pensar que aquilo que anima Freud a escrita e elaboração da segunda tópica é da mesma ordem do que anima Lacan na escrita de sua tese de doutorado e seus textos nos anos 30-40: as investigações acerca de como se constitui e se organiza o psiquismo. Nesse sentido, Quinet aponta que:

Freud revolucionou a subjetividade ao mostrar que o eu não é senhor em sua própria casa, e Lacan desfez a ilusão de totalidade, a pretensão de síntese e a miragem da unidade do eu, mostrando que o eu é – antes de mais nada – outro. E aquele que eu vejo em minha frente, como outro – foi a partir dele que eu fui feito. Eu é que sou feito à imagem e semelhança do outro. (QUINET, 2012, p. 8)

Já em Saflate (2009), podemos pensar que não é do texto freudiano que parte Lacan. Este “encontra” Freud a partir de seus próprios questionamentos, da sua não

adesão as teorias psiquiátricas vigentes em sua época acerca da causalidade psíquica, é por essa via que este chega ao texto freudiano. É daí que ele puxa o fio que continuará até o fim de sua vida.

Peter (2012) e Miller (1988) apontam que Lacan reconheceu o início de seu ensino datado a partir de 1953, apesar de nesta data já participar da Sociedade Psicanalítica de Paris (SSP) há dezessete anos. O fato de ter considerado que seu ensino só começou a partir da década de 50 não torna mesmo importante suas produções anteriores.

A partir da perspectiva de um “retorno a Freud” o *Estádio do Espelho* aparece associado como uma releitura lacaniana das teorias do narcisismo de Freud e numa estreita relação de complementaridade às teorias de posição e relação de objeto de Melanie Klein.

Porém, a construção da concepção do *Estádio do Espelho*, não se constitui apenas em referências psicanalíticas. Podemos dizer que ela se orienta a partir de algumas noções freudianas, mas nos idos de 1936 a 1949, Lacan constrói uma rede de múltiplas referências para daí formalizar sua concepção.

O desenvolvimento da concepção do *Estádio do Espelho* está ancorado em referências de autores de campos teóricos variados. Encontramos referências a Jean-Paul Sartre (1905-1980), Wolfgang Köhler (1887-1967), James Mark Baldwin (1861 -1934), Claude Lévi-Strauss (1908-2009), Jakob von Uexküll (1864-1944), Roger Caillois (1913- 1978), Charlotte Bühler (1893-1974), Louis Bolk (1866-1930), Hieronymus Bosch (1450- 1516), Sigmund Freud (1856-1939), Anna Freud (1895-1982) e Melanie Klein (1882-1960).

Essa rede de referências está posta ora para delas extrair argumentos, ora para a elas se associar ou ainda, ora para delas se distinguir. A concepção do *Estádio do Espelho* em 1949 tem eixos de articulações em diferentes campos, são eles: a psicologia comprada, a psicologia animal, os dados do comportamento, a Gestalt e algumas noções freudianas, o existencialismo, o cogito cartesiano. Essa variedade de referências constitui uma base a partir da qual Lacan irá sustentar suas elaborações.

E por que Lacan partira dessa variedade de referências para o estabelecimento de sua teoria nesse primeiro período?

Talvez porque suas elaborações giravam em torno de outros eixos que não apenas os da psicanálise. Partir da psicologia comparada tem a ver com os endereçamentos dos textos desse período, com os interlocutores a quem tomou, com seu meio psiquiátrico, sobre a sua preocupação científica, sobre as noções em torno da psicogênese, sobre seu debruçamento àquilo que era da ordem da causalidade psíquica a partir do que já estava posto: a psicologia científica, o organo-dinamismo.

A partir dessa rede de múltiplas referências é que Lacan constrói as teses apresentadas no texto *O Estádio do Espelho* (1949). Que teses são essas e como podemos compreendê-las é o tema do nosso próximo capítulo.

3. O TEXTO O ESTÁDIO DO ESPELHO (1949)

Neste capítulo apresentaremos a leitura do *O Estádio do Espelho* a partir de três perspectivas: 1) como fase do desenvolvimento; 2) a partir do ponto de vista estrutural; 3) sob a influência freudiana.

3.1 – O Estádio do espelho do ponto de vista desenvolvimentista

No primeiro parágrafo do texto *O estádio do espelho como formador da função do eu [je] tal qual nos é revelada na experiência psicanalítica* (1949), Lacan posiciona o estádio do espelho como uma concepção introduzida há treze anos, ou seja, desde 1936. Ele considera tal concepção como digna de ser novamente trazida a atenção do público, mesmo que esta já seja de uso comum no “grupo francês”. Na ocasião de 1949, a importância dessa concepção se dá pelos “esclarecimentos que traz quanto à função do eu [je] na experiência que dele nos dá a psicanálise”.

A concepção do estádio do espelho que introduzi em nosso último congresso, há treze anos, não me pareceu indigna, por ter-se tornado mais ou menos de uso comum no grupo francês, de ser novamente trazida à atenção de vocês: hoje, em especial, no que tange aos esclarecimentos que ela fornece sobre a função do [eu] na experiência que dele nos dá a Psicanálise. Experiência sobre a qual convém dizer que nos opõe a qualquer filosofia diretamente oriunda do *Cogito*. (LACAN, 1949, p. 96).

Assim, logo no primeiro parágrafo do texto somos remetidos para três questões a serem investigadas: 1) Qual concepção foi introduzida há treze anos e de que modo ela tornou-se famosa no grupo francês? 2) Quais os esclarecimentos sobre a função do eu a experiência da psicanálise nos dá? 3) E por fim, qual a relação entre estádio do espelho, função do eu e experiência em psicanálise? Sobre a experiência da psicanálise, Lacan nos dá uma pista: ela se opõe a toda filosofia oriunda do cogito cartesiano.

A concepção introduzida há treze anos se refere à primeira apresentação sobre o *Estádio do Espelho* em 1936. Pensamos que tal concepção foi trazida a atenção do público novamente porque ela abrange as principais formulações que Lacan desenvolve desde os anos de 1936 até o ano de 1949.

Desde seu início a concepção do *Estádio do Espelho* foi marcada por um aspecto comportamental, explicado a partir de dados da Psicologia comparada. No terceiro parágrafo do texto de 1949, Lacan, diz que:

Talvez algum de vocês que se recorde do aspecto de comportamento do qual partimos, esclarecido por um fato de psicologia comparada: o filhote do homem, numa idade em que se encontra, por pouco tempo, mas ainda por um tempo, superado em inteligência instrumental pelo chimpanzé, já reconhece, todavia sua imagem como tal no espelho. Reconhecimento assinalado pela mímica iluminativa do *Aha-Erlebnis*, onde para Köhler se expressa a percepção situacional, tempo essencial do ato de inteligência. (LACAN, 1949, p. 96).

Assim, Lacan admite que suas elaborações partiram da Psicologia Comparada. Partir da Psicologia Comparada tem a ver, então, com os campos de diálogos que ele efetuava nesse período, os interlocutores a quem tomou, como o meio psiquiátrico e os debates científicos, bem como, as questões onde pousavam suas preocupações, relativas à gênese psicológica e à causalidade psíquica.

Tais fatos da Psicologia Comparada são apresentados extensamente nos textos produzidos nos anos de *“Para além” do princípio de realidade* (1936), *Os complexos familiares* (1938), *Formulações sobre a causalidade psíquica* (1946) e *Agressividade em Psicanálise* (1948), o que a torna uma base de sustentação para a teorização sobre o *Estádio do Espelho*. No texto de 1946, Lacan faz uma observação interessante, diz ele:

Assim, falarei com os surdos levando-lhes fatos que penso interessarão a seu senso do visível, sem que a seus olhos eles ao menos pareçam contaminados pelo espírito ou pelo ser: ou seja, irei buscá-los no mundo animal. (Lacan, 1946, p. 189-190).

Essa passagem nos remete a preocupação com a cientificidade de suas elaborações. Assim, a Psicologia Comparada é um dado de sustentação científica, ou seja, não posiciona suas elaborações no terreno das suposições ou do misticismo, mas atribui caráter de cientificidade.

No texto *“Para-além do princípio de realidade”* (1936) o que ele evoca são as formas e origens da construção e estabelecimento de certo conhecimento científico, a psicologia científica. Nessa ocasião, se debruça a construir uma nova racionalidade para a causalidade psíquica, fato que explica e fundamenta toda sua pesquisa. Lacan ainda defende uma cientificidade diferente da imposta pela racionalidade organista e materialista. Os dados da psicologia comparada são fundamentais para tecer o viés científico.

Essa nova racionalidade para causalidade psíquica têm a ver como tema da imagem, função da imagem na formação do sujeito. Nesse sentido, Lacan (1936) formula duas questões em vias de elaboração naquele momento: "Através das imagens, objetos de interesse, como se constitui esta realidade, onde se concilia universalmente o conhecimento do homem? Através das identificações típicas do sujeito, como se constitui o eu, onde ele se reconhece?". (LACAN, 1936, p. 95)

Ele anuncia uma segunda parte desse artigo afim de “examinar que contribuições trazem, no que tange à realidade da imagem e às formas do

conhecimento, as pesquisas que, com a disciplina freudiana, concorrem para a nova ciência psicológica. Essas serão as duas partes de nosso segundo artigo.” (LACAN, 1936, p. 95). Tal artigo não foi produzido, porém a questão colocada acerca da imagem e às formas de conhecimento não foi abandonada e aparece nos trabalhos posteriores, incluindo o texto de 1949. No texto de 1946, Lacan afirma:

A história do sujeito desenvolve-se numa serie mais ou menos típica de identificações ideais que representam os mais puros dentre os fenômenos psíquicos por eles revelarem essencialmente a função da imago. E não concebemos o Eu senão como um sistema central dessas formações, sistema que é preciso compreender, a semelhança delas, na estrutura imaginária e em seu valor libidinal. (LACAN, 1946, 179).

Na ocasião do texto *Formulações sobre a causalidade psíquica* (1946) Lacan lembra que completava então dez anos que ele mesmo designou a imago como "objeto psíquico" e que sua formulação acerca o surgimento do complexo freudiano marcou época no espírito humano por conter a promessa de uma psicologia verdadeira. (LACAN, 1946, 190).

Em 1938 o termo imago é concebido em associação ao termo complexo. A imago é considerada como o elemento fundamental do complexo e corresponde a uma representação inconsciente. O conceito de Imago é para excluir qualquer referencia a determinação do orgânico. Assim, nesse texto, o desenvolvimento psíquico é compreendido pela sequência de três complexos: 1) o complexo do desmame – imago materna; 2) o complexo de intrusão - imago do semelhante; 3) Complexo de Édipo – imago do pai. É a passagem e superação de cada complexo que organiza o desenvolvimento do psiquismo.

Definimos o complexo num sentido muito amplo [...] Mas foi como fator essencialmente inconsciente que Freud o definiu a principio. [...] admitimos como elemento fundamental do complexo esta entidade paradoxal: uma representação inconsciente designada pelo nome de imago. Complexos e imago revolucionaram a psicologia e especialmente a da família. [...] Os complexos, no entanto, demonstraram desempenhar um papel de “organizadores” no desenvolvimento psíquico. (LACAN, 1938, p. 21-22)

Nesse contexto o *Estádio do Espelho* era definido como uma identificação afetiva que acontece num momento genético que coincide no final do complexo do

desmame. Isso que dizer que o *Estádio do Espelho* tinha início no final dos primeiros seis meses de vida da criança a partir complexo de intrusão. Nesse caso, o eu se constituiria a partir da imago do irmão. (LACAN, 1938, p. 35)

Em 1949 o *Estádio do Espelho* não será mais associado ao complexo de intrusão. O papel que o “irmão” desempenhava passa a ser ocupado pela figura do outro, pela imagem do outro. Porém, a marcação temporal, ou seja, conceber seu início a partir dos primeiros seis meses de vida da criança, continua vigente. O que é que marca a passagem dos primeiros seis meses de vida do bebê?

Sabemos, com Roudinesco e Plon (1998), que a noção de estádio é comum à biologia evolucionista, à psicologia e à psicanálise. Esses três campos atribuem diferentes etapas ou momentos de evolução de acordo com as diferentes idades da vida do sujeito.

O *Estádio do Espelho* aparece em seu aspecto de fase do desenvolvimento, ou seja, como uma etapa específica e delimitada na vida da criança, à medida em que Lacan aponta um início e um término para estádio. Nesse sentido, é partindo dos seis meses até os dezoito meses de idade de vida que o bebê atravessa esse estádio do espelho.

O que se observa é que partir dos seis meses é possível perceber que a criança já indica reconhecer alguma coisa que está posta de fora. Ela imita, sorrir quando vê alguém sorrir; isso demonstra uma primeira reação aquilo que está fora.

Henri Wallon, psicólogo francês, foi o primeiro a utilizar a abordagem sobre o estádio do espelho como uma gênese do sujeito psicológico. Para esse autor, o espelho é uma experiência que comprova na criança o momento de sua percepção da realidade.

[...] para Wallon a experiência do espelho é um rito de passagem que ocorre entre os seis e oito meses de vida, a qual permite a criança reconhecer-se e unificar seu eu no espaço, mas essas ideias tinham como fundamento as ideias darwinianas, que por sua vez, defendiam um processo de transformação do indivíduo em sujeito a partir de uma dialética natural. (ROUDINESCO, 2008 p. 158)

Wallon utilizou o recurso do "espelho" a partir de uma inspiração cognitiva e da noção de um desenvolvimento natural. A novidade em Lacan consistia em considerar o espelho não como uma prova de que a criança já está apta a se reconhecer a partir de uma tomada de consciência de si permitida por uma maturação cognitiva, mas o "espelho" como metáfora.

Imanishi (2008) chama a atenção para o uso das metáforas nos textos lacanianos. Para essa autora as metáforas que Lacan utiliza cumprem um papel de retórica, um papel estético e uma função cognitiva. Ela compreende o estádio do espelho como uma metáfora. Evidencia isto a partir das de algumas analogias em relação à imagem óptica e à imagem como formadora do eu. Estas analogias correspondem ao eu como imagem, o eu como imagem virtual, o eu como imagem virtual alienada. Para Imanish, Lacan mistura metáfora e literal para introduzir sua hipótese de que, assim como a imagem no espelho é virtual, também o é a relação que a criança estabelece com seu próprio corpo, com as pessoas e objetos.

Nesse sentido, a constituição do eu na Psicanálise lacaniana corresponde à conquista da imagem do corpo próprio pela criança, mas essa imagem é uma imagem dela e ao mesmo tempo não é dela, pois está alienada. Por isso, a autora pensa que Lacan explora a metáfora do espelho, a fim de mostrar que a imagem refletida no espelho corresponde à imagem do outro semelhante e é através do outro que a criança toma sua imagem corporal numa Gestalt (IMANISHI, 2008).

Ogilvie (1991) diferencia a visada de Lacan da visada de Wallon no sentido em que essa situação, para a Psicologia, interessa à medida que nesse processo se identifique se a criança sabe com o que está lidando, ou seja, se a criança sabe que a imagem do espelho é sua. Já para Lacan, ele não está interessado em descobrir em que idade a criança toma consciência de si como ser. Não se trata disso. Isso é o que os testes psicológicos querem. Mas não Lacan, não interessa o fato de saber, não se trata de tentar apreender o interior, de testar e comprovar a capacidade de saber da criança. Mas de forma até mais simples, trata-se do fato, daquilo que ocorre quando a criança reage àquilo que está fora, a exterioridade, ou seja, o júbilo.

Que a criança saiba ou não, o notável é que ela se interesse por isso e continue a se interessar. [...] Se a criança manifesta, através de gritos e mímica, seu interesse eletivo pela coisa, é que reconheceu desde logo sua imagem (mas por um saber que talvez não seja adulto, pelo menos, não adulto-psicólogo) alguma coisa que lhe diz respeito de maneira imediata: uma realidade que acompanha ou esconde, ou se associa de alguma maneira ao seu próprio comportamento (gesticulação, mímicas, etc). (OLGIVIE, 1991, p. 108)

Aqui é importante marcar que o que é próprio da concepção lacaniana é a observação desse júbilo experimentado e visto na criança com os movimentos assumidos pela imagem como seu meio refletido. Essa é a questão central, diferente das experiências a luz da psicologia walloniana, em que se avaliam as capacidades cognitivas de percepção, Lacan parte não do interno, do sistema orgânico, mas do externo, desse jubramento que é percebido nas crianças nessa fase da vida.

Esse acontecimento pode produzir-se, como se sabe desde Baldwin, a partir da idade de seis meses. Sua repetição tem freqüentemente atraído nossa atenção diante do espetáculo impressionante de um lactente em frente ao espelho, que não tem ainda o domínio do andar, nem mesmo da postura ereta, mas que, todo contido que está por alguma sustentação humana ou artificial (o que chamamos na França um *trotte-bébé*¹), sobrepuja, num afã jubilatório, os entraves desse apoio, para suspender sua postura em uma posição mais ou menos inclinada e reconduzir, para fixá-lo, um aspecto instantâneo da imagem. (LACAN, 1949, p. 96).

Nessa visada lacaniana do jubramento, afastando-se da perspectiva de consciência de si, ele faz desaparecer a referência walloniana e uma dialética natural. Na perspectiva lacaniana, o estágio do espelho consiste numa operação psíquica, ou até ontológica, pela qual o ser humano se constitui numa identificação com seu semelhante. (ROUDINESCO e PLON, 1998, p. 195).

Julien (1993) vai destacar que o caráter de exterioridade da imagem possibilita a representação de seu corpo distinta das sensações internas de sua motricidade. Para Lacan, ainda segundo Julien (1993, p. 16-17), "não há formação do eu através de sua exteriorização, de um movimento de interior para o exterior, por

uma projeção, mas ocorre o inverso: o eu é completamente exteroceptivo ou não existe". Se Lacan toma o exemplo do espelho de Wallon é para fazer dele a ilustração de um fenômeno universal, independentemente do objeto material do espelho: é o outro que funciona como espelho.

Julien (1993) destaca quatro elementos constitutivos da "natureza" e do "nascimento" do eu: 1) uma falta na ordem orgânica; 2) uma diacronia; 3) uma totalidade unificada; 4) a libido. O primeiro está ancorado na consideração que o filhote do homem nasce prematuro. Diferente de outras espécies o recém-nascido humano não pode viver sozinho a depender de sua motricidade e capacidade de se alimentar. Essa insuficiência do desenvolvimento remete a uma completa dependência do outro. O segundo elemento consiste na ideia de que é pela visão do outro que a criança antecipa sua futura motricidade. Ou seja, aquilo que a criança não consegue realizar por sua prematuridade, ela vê se realizando no outro. Julien (1993) destaca então que há uma primazia do sentido da visão em relação aos outros. Assim essa visão do outro faz a criança se agitar, a provoca, responderá ao sorriso, pois o verá inicialmente no rosto da mãe, ou de forma geral, no outro.

O terceiro elemento diz respeito à relação entre a origem da sensação de unificação do corpo próprio e a Gestalt. Julien (1993, p. 18) afirma que "o espelho opera a vitória sobre o despedaçamento dos membros separados, assegurando a coordenação motora: unidade, domínio e liberdade de estatura". Finalmente, o quarto elemento, é apontado pelo autor como o novo na invenção de Lacan. Entendemos novo no sentido de relacioná-lo as teorias walloninas. Enquanto este entende o espelho como reconhecimento cognitivo de representação do corpo, Lacan vai destacar o investimento libidinal, ou seja, o júbilo do *Ah!* do reconhecimento. Nesse sentido, a imagem tem "efeito morfogênico", ou seja, não se trata de reflexo passivo, mas de geração do eu da criança. Então a sensação de corpo unificado vem do reconhecimento que o outro oferece à criança.

A criança não se exterioriza; ela não se projeta em uma imagem [...] Lacan, pelo estágio do espelho designando o fundamento do eu freudiano, subverte a natureza do narcisismo primário: não um dentro fechado em si, mas um fora constitutivo de um dentro, uma alienação originante. (JULIEN, 1993, p. 18-19).

Nesse sentido, a idade dos seis meses marca essa passagem: um antes no qual a criança se confunde com o ambiente, ela está ali como uma extensão. A criança sofre de uma prematuração biológica e não possui ainda uma motricidade formada. Essa prematuração biológica faz a criança ter a vivência de uma fragmentação da imagem do corpo. E um depois dos seus meses: quando o estágio do opera uma saída da angústia da fragmentação do corpo para uma unificação da imagem corporal. Essa operação é realizada a partir da identificação com a imagem especular cuja Gestalt é responsável pela condução do processo de constituição do eu. (SILVEIRA, 2005)

Em outras palavras, antes do *Estádio do Espelho* a vivência psíquica experimentada pela criança é de um corpo despedaçado (*corps morcelé*). É a identificação com a imagem do outro que unifica a imagem do corpo na criança.

Queiroz (2007) enfatiza a importância do olhar e da imagem para a constituição psíquica. A autora ressalta que além do simbólico, além da voz, a imagem desempenha papel fundamental. Só a partir do *Estádio do Espelho* a criança tem uma imagem unificada dela mesma. Isso quer dizer que, é no plano das imagens, do especular, do ver e do ser visto, que se organiza o campo visual de modo que permita a criança passar de um modo de percepções parciais para um modo de coordenação e organização do espaço visual. Nas palavras de Greco (2011):

Pelo lado da imagem encontramos, evidentemente, o *olho*, nosso primeiro aparelho de coordenação do espaço, que começa a percebê-lo, registrá-lo e organizá-lo "antecipadamente", ou seja, desde muito antes que o organismo possa mobilizar-se e deslocar-se fisicamente nesse campo, já que a organização do olhar precede o gesto e a palavra. Como tal, é também nosso primeiro aparelho de controle, de conexão e de contato com o chamado mundo exterior. Esse aparelho registra em sua história um momento fundamental: o *Estádio do Espelho*. (GRECO, 2011).

Joel Dor (1989) vai apresentar essa "fase"⁹ do espelho como uma experiência que se dá em três tempos. O primeiro momento se caracteriza pela imagem do corpo como real, quer dizer que, na criança a experiência é de uma confusão entre si e o outro. Em seguida aquilo que era um real passa a ser distinguido como uma imagem. A criança sabe que se trata de uma imagem e consegue distinguir a imagem do outro da realidade do outro. O terceiro momento seria a dialética desses dois quando a criança reconhece sua própria imagem. Nesse momento o corpo que era esfacelado passa a uma totalidade unificada e assim a uma representação do corpo próprio.

A experiência da criança na fase do espelho organiza-se em torno de três tempos fundamentais, que pontuam a conquista progressiva da imagem de seu corpo. Inicialmente tudo se passa como se a criança percebesse a imagem de seu corpo como a de um ser real de quem ela procura se aproximar ou apreender. [...] o segundo momento constitui uma etapa decisiva no processo identificatório. Com efeito, a criança e sub-repticiamente levada a descobrir que o outro do espelho não é um outro real, mas uma imagem. [...] O terceiro momento dialetiza as duas etapas precedentes, não somente porque a criança está segura de que o reflexo do espelho é uma imagem, mas, sobretudo, porque adquire a convicção de que não é nada mais que uma imagem, e que é a dela. (DOR, 1989, p. 79-80)

Nesse sentido, a criança identifica-se a algo virtual, que não é ela, mas é o lugar de condição para que ela se reconheça. Trata-se da identificação primordial. Tal identificação é sustentada pela dimensão imaginária. Essa identificação é justificada a partir de fatos objetivos: da gesticulação e mímica da criança ao fato de ela começar a falar em terceira pessoa. Em consequência disso, a constituição do eu [je] tem como princípio constitutivo uma alienação no imaginário.

O reconhecimento de si a partir da imagem do espelho efetua-se — por razões óticas — a partir de índices exteriores e simetricamente invertidos. Ao mesmo tempo, e, portanto, a unidade do corpo que se esboça como exterior a si e invertida. A própria dimensão deste reconhecimento prefigura, para o sujeito que advém, na conquista de sua identidade, o caráter de sua alienação imaginária, de onde delinea-se o “desconhecimento crônico” que não cessara de alimentar em relação a si mesmo. (DOR, 1989, p. 80).

⁹ Vale destacar as variações de traduções para o Estádio do Espelho. Em Joel Dor, o Estádio do Espelho está traduzido por “Fase do Espelho”. Mantemos o termo utilizado pelo autor.

Ogilvie (1991) considera a constituição do eu numa relação do sujeito consigo mesmo como um outro. Ou seja, a gênese do eu parte do exterior. Esse exterior diz respeito à própria negatividade do sujeito, de sua prematuração do nascimento. Quando nasce, o bebê não se sustenta sozinho, ele precisa de um outro. Mas esse outro que alimenta, dá banho, coloca para dormir, que transposta de um lugar, enfim, que cuida, não está prestando apenas na ordem das necessidades do bebê. Esse cuidado que é externo, que parte do outro, é a própria gênese do psiquismo. Assim, na compreensão lacaniana o eu se estrutura a partir dessa exterioridade e se afasta a toda perspectiva que considera apenas a maturação e o desenvolvimento de funções orgânicas.

Lacan traz os exemplos do mundo animal: esse lugar de argumento, de apropriação e de separação. É nessa lógica que segue. Daquilo que se tem como estabelecido àquilo que da experiência psicanalítica se revela. Lacan afirma que:

Esse ato, com efeito, longe de esgotar-se como no macaco no controle uma vez adquirido da inanição da imagem, logo repercute na criança em uma série de gestos, nos quais ela experimenta ludicamente a relação dos movimentos assumidos da imagem com seu meio ambiente refletido e desse complexo virtual com a realidade que ela reduplica, ou seja, com seu próprio corpo e com as pessoas, e também com os objetos que se encontram junto a ela. (LACAN, 1949, p. 96).

Da comparação e utilização dessa experiência do macaco em relação à experiência da criança, teremos as considerações introduzidas por Lacan a luz de uma inspiração ou orientação psicanalítica. Nesse momento de nossa investigação elencamos as novidades introduzidas por Lacan no que diz respeito ao campo da psicologia comparada: a ludicidade da criança, diferente do que ocorre com o macaco, o complexo virtual com a realidade que ela reduplica, realidade esta entendida como seu próprio corpo e as pessoas e objetos que se encontram junto a ela.

Lacan buscou as evidências que atestam o papel formativo da Gestalt sobre o organismo nos experimentos biológicos. Tais experimentos apontam para dois

processos de identificação: a identificação homeomórfica e a identificação heteromórfica.

Para falar da identificação homeomórfica, Lacan utiliza dois fatos biológicos. 1) a maturação da gônada na pomba tem por estímulo condicionador a percepção visual da forma de outro indivíduo da mesma espécie. Caso não haja a imagem de outro da mesma espécie, o seu próprio reflexo no espelho possui o poder de desencadear o processo. Ou seja, nas pombas, as gônadas só atingem a maturidade se elas tiverem a visão de um semelhante. 2) a larva de um gafanhoto migratório não está predeterminada a gerar um indivíduo adulto de forma gregária ou solitária; seu desenvolvimento vai se direcionar para uma determinada forma - efeito morfológico - dependendo da ocorrência da percepção de um seu representante ou de uma imagem que lhe seja similar e que produza os mesmos movimentos típicos da espécie. (SILVEIRA, 2005, p. 119).

Quanto ao modelo de identificação heteromórfica, Lacan se refere a um ensaio de Roger Caillois chamado *Mimetismo e psicastenias legendárias*. Nele é descartada a hipótese – que Lacan adjetiva de “ridícula” – de que o mimetismo constitua um dispositivo de adaptação e de defesa contra predadores. Em oposição, é defendida a ideia de que o espaço possui a capacidade de seduzir o organismo a assimilar-se com o meio e nele dissolver-se. (SILVEIRA, 2005, p. 120)

Lacan utiliza o mimetismo a partir de Roger Caillois, pois este apresenta que o fenômeno de adaptação ao meio verificada entre os animais é mediado pela visão. Na sua forma de identificação heteromórfica o animal vai tomando a forma do seu ambiente, por exemplo, o caso de animais que, ao avistar o inimigo, mudam a cor da pele para se confundir com a areia.

Assim, Lacan demonstra que a visão tem uma função essencial na relação do organismo com o meio e produz modificações vitais nos animais. Diferentemente do que ocorre com os animais, a experiência visual com os objetos experienciada pelo homem resulta em alterações psíquicas, como mostra o estádio do espelho.

Nesse sentido, a perspectiva do *Estádio do Espelho* como fase de desenvolvimento tem como principal eixo a função que a imagem desempenha no

organismo humano. Ou ainda, nas palavras de Lacan “a função do estágio do espelho revela-se [...] como um caso particular da função da imago, que é estabelecer uma relação do organismo com sua realidade [...]” (LACAN, 1966, p. 96).

3.2 O Estádio do Espelho a partir do ponto de vista estrutural

Vamos mostrar como o *Estádio do Espelho* pode ser entendido desde o ponto de vista da fase do desenvolvimento até o ponto de vista estrutural.

Do ponto de vista estrutural podemos pensar que o *Estádio do Espelho* é algo que, como estrutura, permanecerá posto, não findará sua operacionalidade. Ou seja, o *Estádio do Espelho* é o processo pelo qual se desenvolve a relação imaginária com o semelhante.

O aspecto desenvolvimentista na perspectiva do *Estádio do Espelho* diz respeito à passagem de uma imagem fragmentada do corpo próprio a uma unificação da imagem do corpo. Podemos localizar esse processo na criança, por um aspecto desenvolvimentista, quando esta, entre os seis e 18 meses de idade, em sua condição prematura, constitui a partir da imagem do outro, a unificação de seu corpo.

Pensar o *Estádio do Espelho* do ponto de vista do desenvolvimento da criança se relaciona ao diálogo empreendido por Lacan no campo da psicologia. Pensar esse processo para além de uma fase do desenvolvimento, ou seja, do ponto de vista estrutural nos parece mais um efeito das elaborações, das formulações, do que um ponto de partida. Aliás se devemos considerar algum ponto de partida para a formulação do *Estádio do Espelho* este diz respeito aos diálogos nos quais Lacan está inserido nesse período de sua vida. Como apontamos mais detalhadamente no capítulo II, a surrealismo, a psiquiatria, a psicanálise, a psicologia e a filosofia.

O texto *O Estádio do Espelho* (1949) se diferencia das perspectivas dos anos anteriores no que se refere a um “encaminhamento em direção à estrutura”. É possível perceber aí “[...] a adoção mais decidida de um ponto de vista estrutural, em contraste com o tom “psicológico” que caracterizou as abordagens anteriores” (SIMANKE *apud* SILVEIRA, 1997, p. 268).

Nesse sentido, podemos pensar que torna-se uma marca do texto de 1949 retirar o *Estádio do Espelho* apenas de fase do desenvolvimento e dar-lhe contornos de estrutura. Assim, o “eu precipitado” continua a se presentificar na dialética com o outro independentemente da idade do sujeito.

Antes de 1949, Lacan enfatizava sua concepção como um ponto específico do desenvolvimento infantil. A partir de então encontraremos sinais que indicarão outro tipo de leitura: ele passa a colocar o estágio do espelho como um paradigma, como uma espécie de estrutura permanente da subjetividade; começa a designar um “stadium” no qual o sujeito é constantemente capturado por sua própria imagem. (EVANS *apud* SILVEIRA, 1997, p. 115).

Silveira (*apud* Simanke, 1997) aponta que já é possível identificar essa passagem para o sentido da estrutura no texto *A agressividade em psicanálise* (1948) a partir do uso que Lacan faz da expressão “sincronias da captação especular”. Isso já indica uma mudança no ângulo da compreensão. Nesse sentido, essa sincronia da captação alude a uma rede de relações, ou seja, não se limita a um episódio específico da história individual do sujeito. O sentido de estrutura em oposição ao sentido de fase do desenvolvimento se refere às passagens dos textos onde percebemos que o *Estádio do Espelho* é uma experiência que perdura e atravessa a vida do sujeito, ou seja, não se esgota aos 18 meses de idade no bebê. Esse é o tom que nos leva a compreensão do *Estádio do Espelho* do ponto de vista estrutural.

Greco (2011) concorda com esta perspectiva e considera que a importância da experiência do espelho tem a ver tanto com o caráter de fase bem delimitada do desenvolvimento da criança, mas também quanto com o modelo que atravessa toda a vida do sujeito. Neste último caso, a experiência do espelho representa a relação

libidinal com a imagem corporal e ilustra o aspecto de conflito presente na relação dual. Ou seja, para além de uma fase, trata-se da relação consigo mesmo e com o outro.

Outro ponto que marca o encaminhamento em direção à estrutura e, ao mesmo tempo, sinaliza uma diferença entre o texto de 1949 e os anteriores é o uso que Lacan faz dos pronomes eu [moi] e eu [je]. Acompanhamos Silveira (2005), no que diz respeito ao uso dos pronomes *je* e *moi*. Essa autora aponta que no texto *Os complexos familiares* (1938) até o texto *A agressividade em psicanálise* (1948), Lacan utiliza para o eu o termo equivalente *moi*, enquanto que no texto de 1949, Lacan passa utilizar tanto o termo *je* quanto o termo *moi*, com predominância do primeiro.

A diferença entre o uso dos pronomes marca uma diferença que virá a ser compreendida pela diferenciação entre o eu, instância imaginária, e o sujeito do inconsciente, instância simbólica. Nos trabalhos a partir da década de 50, Lacan formalizada o uso do termo *je* para se referir ao sujeito do inconsciente. Porém a concepção de eu [moi] até 1949 ainda tem como eixo principal sua função de desconhecimento, de ilusão, de “ficção irreduzível”, ou seja, não corresponde à verdade do sujeito tal como será atribuído o sujeito do inconsciente.

Em outras palavras: o eu é assim formado em uma *linha de ficção* que não irá coincidir com a realidade corporal do sujeito, mantendo-se sempre em uma união assintótica, permanecendo a sua realidade corporal sempre desconhecida para o sujeito. (PRADO, 2009).

Calligaris (2004) também faz considerações a esse respeito. Para ele quando Lacan fala do *Estádio do Espelho* como mecanismo formador do “eu”, esse eu não tem a ver com o sentido de ego. O psicanalista italiano explica que em francês o eu, no sentido de ego, é designado pelo pronome *moi*. E já no título do texto de 1949, Lacan fala no *Estádio do Espelho* como mecanismo formador do eu [je]. Em francês, o eu [je] é o eu gramatical, o eu como sujeito da enunciação, não do eu como *moi*, como ego. Não temos essa diferenciação em Freud. Este fala do Ich, que é tanto eu [je] quanto eu [moi], com a diferença que em alemão o artigo neutro permite

imediatamente diferenciar o ego como elemento tópico, que para Freud é das *Ich*, neutro, e *Ich* pronome pessoal da primeira pessoa (CALLIGARIS, 2004).

Que o sujeito aquém da subjetividade encontra a imagem de um semelhante (i (a)) e que essa imagem antecipa para ele uma certa intuição do seu corpo próprio, o que funda a sua alienação imaginária. Quer dizer que nós temos uma intuição do nosso corpo próprio só como efeito de uma antecipação especular que nos outorgou o encontro com um semelhante. (CALLIGARIS, 2004).

A divisão de uma noção de eu referida a *moi* ou *je* é própria da teoria lacaniana e é amplamente debatida por seus comentadores. Lacan se apoia na própria divisão na língua francesa, e assim produz uma diferenciação em relação a Freud. Roudinesco (2006) considera que o eu [je] se trata de uma quarta instância psíquica em relação as três instâncias freudianas, eu, isso e supereu. O eu [je] teria como função ser o lugar por onde o sujeito pode se reconhecer.

Queiroz (2007) destaca que essas questões terminológicas dificultam a passagem da leitura de Freud à Lacan. Assim como Calligaris (2004), a autora afirma que o eu [je] e o eu [moi] servem para situar o ego e o sujeito em campos distintos.

Ele inferiu tal conceito do texto freudiano, opondo-o ao de “ego”, termo, então, que ele tem reservado ao que é da ordem do narcisismo. Essas questões terminológicas tornam difícil a passagem da leitura de Freud à Lacan, pois o nomeado em Freud como o pronome pessoal “eu” – a saber, o ICH, em alemão -, é traduzido por Lacan tanto por “sujeito” quanto por “ego”, amparado pelo fato de que, em francês, há dois termos para se referir a “eu”: “je” e “moi”. Assim, ele resgata o que é o próprio do inconsciente, ou seja, o sujeito do desejo, que em nada se aproxima do ego ajustado e civilizado da psicanálise americana. (QUEIROZ, 2007, p. 66).

Vale ressaltar, porém, em relação a essa questão, a posição de Olgivie (1991). Esse autor não atribui ao uso do termo eu [je] nesse período como uma correspondência ao sujeito do inconsciente. Este autor argumenta que até 1949, Lacan não tinha grandes considerações teóricas acerca do inconsciente. Assim, quando utiliza eu [je] no texto de 1949 é para marcar que a forma fictícia do eu “[...] só encontrará assintoticamente o devir do sujeito, qualquer que seja o sucesso das

sínteses dialéticas pelas quais ele tem que resolver, enquanto eu [o termo utilizado aqui é [je], sua discordância para com sua própria realidade” (LACAN, 1966, p. 94).

Ogilvie (1991) concorda que no texto *O Estádio do Espelho* (1949) a formação do eu enquanto sujeito está posta já que está designado sob a forma de eu [je], em francês. Mas o sentido do *je* como relativo ao inconsciente só será ampliado para as noções lacanianas após 1949. Porém, a relação entre o e eu [je] em oposição a um eu [moi] já está posta, mesmo que seja revelado de forma mais clara nos textos seguintes do pensamento na obra de Lacan.

[...] o espelho, isto é, este momento da primeira relação consigo mesmo que é irremediavelmente, e para sempre, uma relação com um outro, só representa uma fase privilegiada na medida em que tem um valor exemplar para toda a sequência de um desenvolvimento; não é um estádio destinado a ser superado, mas uma configuração insuperável. [...] ao mesmo tempo lugar de nascimento e estrutura definitiva. (OLGIVIE, 1991 p. 112).

Quando pensamos no texto *O Estádio do Espelho* (1949) a partir das elaborações posteriores de Lacan, Greco (2011) considera que a teoria apresentada naquela ocasião é o precursor da dialética da alienação do sujeito no eu. Que compreende a relação que o sujeito mantém consigo mesmo e com os outros (seus objetos) como dependentemente mediada pelo eixo Imaginário. Nesse sentido, o sujeito jamais apreende a si mesmo, a não ser sob a forma do seu eu [moi], estritamente dependente do outro especular, que constitui sua identidade.

Roudinesco (2008) nos ajuda a compreender a diferença entre a concepção de eu [je] e de sujeito colocado como oposta ao eu [moi] nesse período até 1949. A autora aponta que o sujeito do qual fala Lacan nesse período, não é o sujeito do inconsciente, mas o sujeito sob a influência das ideias de Kojève. O sujeito aqui tem contornos mais da filosofia de Hegel do eu desejo, do que do inconsciente da Psicanálise freudiana.

[...] nas quinze páginas manuscritas que redigiu para servir de introdução a essa “Gênese da consciência de si”, destacam-se três conceitos maiores que serão utilizados por Lacan a partir de 1938: o eu [je] como sujeito do desejo, o desejo como revelação da verdade do ser, o eu [moi] como lugar de ilusão de fonte de erro. Esses três conceitos reaparecerão, alias, mesclados aos dois temas de origem da

loucura e da essência da família, em todos os textos publicados por Lacan sobre o assunto entre 1936 e 1949: tanto em “Para além do princípio de realidade” quanto em “Os complexos familiares”, tanto em “Considerações sobre a causalidade psíquica” quanto na segunda versão do “Estádio do Espelho”. (ROUDINESCO, 2008, p. 148-150).

É justamente essa questão do sujeito que torna-se central na segunda versão do *Estádio do Espelho* em 1949. Quando no título do texto, Lacan coloca o Estádio do Espelho como formador da função do eu [je], isso tem a ver com um projeto de construção da noção de sujeito em Psicanálise e na história das ciências desenvolvida no contato com Kojève. (ROUDINESCO, 2006)

Quando Lacan redige uma nova conferência sobre o estádio do espelho para o Congresso de Zurique, não está mais em absoluto nas mesmas posições de antes da guerra. Leu a obra de Melanie Klein e descobriu a de Claude Lévi-Strauss. Além disso, retoma por sua conta os princípios da linguística saussuriana, que nunca havia utilizado. Enfim, interessa-se pelo cogito cartesiano e sempre pela psicogênese da loucura. (ROUDINESCO, 2006, p. 46).

O texto de 1949 marca esse ponto onde Lacan chegou em sua elaboração: se Lacan estava mais preocupado com o eu do que com o inconsciente, que não confundamos esse eu em Lacan com o eu da *Ego Psychology*. O eu que Lacan estava preocupado era o eu [je], que só seria formalizado como sujeito do inconsciente posteriormente.

Assim, esse eu pode ser entendido como derivado da filosofia do eu desejo de Hegel, e ainda, como uma antecipação, uma intuição, que marca a passagem para a formalização da tópica do simbólico e o conceito de sujeito do inconsciente, elaborado a partir da década de 1950.

Desde o início de seus trabalhos, o interesse de Lacan está voltado para fazer uma teoria do sujeito. Para tal, ele atravessa a psiquiatria, a psicologia e a psicanálise. Mesmo quando está debruçado sobre a causalidade psíquica na psicose, como na ênfase em sua tese, ou quando se encaminha para as questões relativas à neurose, sua questão principal está na direção de uma teoria do sujeito. (SILVEIRA, 2007, p. 15).

O início do percurso intelectual de Lacan, no contexto da psiquiatria, encontra-se marcado por um conflito que será a prerrogativa maior de toda a sua obra. Ele se circunscreve diante dos seguintes questionamentos: como garantir a reserva do espaço do sujeito, como sujeito do sentido, na medida mesma em que se procura configurar a sua ordem objetiva de determinação? (SILVEIRA, 2007, p. 15).

Para isso chegar até as elaborações de 1949, Lacan passa por três momentos: 1) Elabora uma teoria fenomenológica do imaginário ao mesmo tempo em que separa a noção biológica de estágio. 2) Reivindica a racionalidade cartesiana para mostrar que a loucura possui sua lógica própria e que não pode ser pensada fora do cogito. 3) Cria uma teoria do sujeito que recusa uma tradição da psicologia do eu oriunda do cogito. A crítica dirige-se aos partidários da *Ego Psychology*. (ROUDINESCO, 2006, p. 48).

Dessa forma, *O Estádio do Espelho* (1949) se diferencia de suas versões anteriores, pois desta vez Lacan irá explicitar que o eu da psicanálise não tem nada a ver com o eu do cogito cartesiano ou das filosofias oriundas do cogito. O eu do *Estádio do Espelho* não é o eu que pensa, mas o eu do desconhecimento. Para Roudinesco (2006), o tema do cogito torna-se central em 1949 já que Lacan elabora nessa data uma verdadeira teoria do sujeito.

Em Freud não temos a noção de sujeito conceitualizada. O que Lacan busca, nesse período, é construir uma teoria do sujeito associada à filosofia e não a psicologia. Ou seja, Lacan busca fazer uma ligação entre uma teoria filosófica hegeliana-kojeviana do sujeito, como sujeito do desejo, a uma teoria freudiana da segunda tópica. Só depois disso é que passará a uma noção de sujeito do inconsciente. (ROUDINESCO, 2006, p. 35).

Nesse sentido, Silveira (2007) destaca que a teoria do *Estádio do Espelho* estaria dentro dos objetivos gerais da teoria do imaginário, que por sua vez, são correspondentes ao estabelecimento do caráter determinado do sujeito, a acusação do caráter ilusório do conhecimento humano, a defesa de uma simultaneidade na constituição do sujeito e do objeto (realidade).

Como já foi dito nos capítulos anteriores, nesse trabalho Lacan está interessado em percorrer os caminhos que levam à constituição do eu como figura de identificação com a imagem captada através do espelho.

Ao mesmo tempo em que o *Estádio do Espelho* é uma operação que funda a gênese do eu, a constituição do eu no bebê, a partir da unificação da imagem do seu corpo próprio, também podemos perceber operações de espelho no adulto, a partir da sua relação com o semelhante, com o outro, as identificações imaginárias que estão postas durante toda a vida do sujeito.

3.3 O Estádio do Espelho sob a influência freudiana

[...] Esta leitura estará sempre marcada pelo que foi para Lacan seu primeiro encontro com Freud, inesquecível: a propósito da paranoia, a questão do narcisismo e sua relação com a segunda tópica freudiana. (JULIEN, 1993, p. 26).

Olgivie (1991) considera o *Estádio do Espelho* como o "ponto fixo", o início, onde encontramos a origem do retorno a Freud, na forma de um deslocamento. Considera, assim, ser um novo conceito que revela transformações e deslocamentos na teoria freudiana. De modo que nos anos de 1936 a 1949 "Lacan procura, de alguma maneira, tornar-se freudiano". (OLGIVIE, 1991, p. 105).

O famoso "retorno a Freud" ou o "retorno ao sentido de Freud" realizado por Lacan data a partir da década de 1950. O que faz a produção lacaniana anterior a 1950 não ser um "retorno a Freud" e sua produção posterior a 1950 ser um "retorno a Freud" diz respeito a dois fatores: 1) o enunciado do próprio Lacan, em seu *Discurso de Roma* ou *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise* (1953), quando apresenta a formulação do inconsciente estruturado como linguagem e 2) a posição de "leitor" de Freud que Lacan assumirá a partir de então em seus Seminários. Para Roudinesco (2011), isso que chamamos de "retorno a Freud" é a leitura lacaniana, a partir do estruturalismo e da linguística, que tinha por objetivo arrancar a teoria freudiana de seu modelo biológico.

A influência de Freud no período anterior a década de 1950, segundo Olgivie (1991), é vista a partir do ponto de vista acerca do narcisismo. Esse autor considera que após a tese de doutorado em 1932, Lacan direciona sua pesquisa para a “elucidação” do narcisismo. Nessa perspectiva, a Tópica do Imaginário é compreendida como uma leitura do narcisismo de Freud e a teoria do *Estádio do Espelho* como principal conceito elaborado nesse período. (SILVEIRA, 2005).

A ideia de Narcisismo tem origem na tradição grega com o mito de Narciso. O narcisismo designa o amor de um indivíduo por si mesmo. Narciso apaixonou-se por si mesmo e ao ver sua imagem refletida na água, mergulha os braços para abraçar a própria imagem que não parava de se esquivar. Quando percebeu que ele mesmo era o objeto de seu amor quis separar-se de sua própria pessoa e se feriu até a morte. (ROUDINESCO E PLON, p. 530).

No texto *Introdução ao Narcisismo* (1914), Freud diz que o termo narcisismo trata de uma “descrição clínica que foi escolhido por P. Näcke, em 1899, para designar a conduta em que o indivíduo trata o próprio corpo como se este fosse o de um objeto sexual”. (FREUD, 1914, p. 10).

Inicialmente, esse termo aparece como uma conduta ligada à perversão sexual, ao comportamento do esquizofrênico, ou dos parafrênicos, sendo observado também em histéricos e obsessivos. Porém Freud retira a noção de um campo estrito das patologias e o coloca no campo do desenvolvimento do psiquismo de maneira geral. Assim, o narcisismo estaria ligado ao desenvolvimento normal do ser humano. O que vai delimitar as patologias narcísicas de um narcisismo normal será da ordem de uma variação singular de ordem econômica no sujeito.

O texto de Freud citado acima marca o desenvolvimento teórico onde o termo narcisismo ganha valor de conceito na teoria freudiana: trata-se de um fenômeno libidinal que ocupa um lugar essencial na teoria do desenvolvimento sexual do ser humano. (ROUDINESCO e PLON, 1998).

[...] por fim apareceu a conjectura de que uma alocação da libido que denominamos narcisismo poderia apresentar-se de modo bem mais

intenso e reivindicar um lugar no desenvolvimento sexual regular do ser humano. (FREUD, 1914, p. 10).

Assim, a primeira noção de narcisismo faz parte da teoria da libido. Freud faz a passagem da noção de narcisismo primeiro como algo ligado a uma perversão para uma noção que vai considerar o narcisismo como complemento libidinal do “egoísmo do instinto de autoconservação”, o lugar no desenvolvimento sexual regular do ser humano.

O termo libido aparece inicialmente no texto freudiano *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905). A libido é definida então como a manifestação da pulsão sexual na vida psíquica e da sexualidade humana em geral. Essa energia sexual é entendida como causalidade psíquica (neurose), disposição polimorfa (perversão), amor-próprio (narcisismo) e sublimação. Porém o conceito de libido foi sendo reformulado. Os textos *Introdução ao Narcisismo* (1914), *Mais-além do princípio de prazer* (1920) e *O Eu e o Id* (1923) são considerados os principais textos onde a noção de libido é reformulada em Freud. (ROUDINESCO e PLON, 1998, p. 471-475).

Freud relacionou a evolução da libido com a escolha de objeto, através da qual o sujeito passa do autoerotismo para o narcisismo. A diferença entre narcisismo e autoerotismo é que o narcisismo está ligado ao eu e o eu é algo que é desenvolvido. O autoerotismo já está antes do eu, a partir de uma ação psíquica sobre o autoerotismo é que se forma o narcisismo e assim o eu. Freud (1914) considera que:

[...] é uma suposição necessária, a de que uma unidade comparável ao eu não existe desde o começo no indivíduo; o Eu tem que ser desenvolvido. Mas os instintos autoeróticos são primordiais; então deve haver algo que se acrescenta ao autoerotismo, uma nova ação psíquica, para que se forme o narcisismo. (FREUD, 1914, p.13).

O narcisismo em Freud é relativo à escolha de objeto. Onde o sujeito deposita seu investimento libidinal? Há a libido do objeto e a libido do eu. O investimento libidinal no eu é do campo do narcisismo primário. Já o investimento libidinal no objeto é do campo do narcisismo secundário. Dessa forma é que o termo narcisismo, que aparece como uma conduta ou comportamento passa a ser

pensado em termos de libido e de investimento. “A libido retirada do mundo externo foi dirigida ao eu, de modo a surgir uma conduta que podemos chamar de narcisismo.” (Freud, 1914, p. 11).

Formamos assim a ideia de um originário investimento libidinal do Eu, de que algo é depois cedido aos objetos, mas que persiste fundamentalmente, relacionando-se aos investimentos de objeto como o corpo de uma ameba aos pseudópodes que dele avançam. (FREUD, 1914, p. 12).

Nesse sentido, Freud (1914) fala de uma autossuficiência do bebê para exemplificar a escolha de objeto do tipo narcísico. Segundo o psicanalista vienense, a atração de um bebê se deve em boa parte ao seu narcisismo, sua autossuficiência e inacessibilidade. Freud compara a atração que o bebê causa, a atração de alguns bichos que parecem não se importar conosco, como os gatos e os grandes animais de rapina. Eles conquistam o nosso interesse pela coerência narcísica com que mantêm afastados de seu eu tudo o que possa diminuí-lo. “É como se os invejássemos pela conservação de um estado psíquico bem-aventurado, uma posição libidinal inatacável, que desde então nós mesmos abandonamos”. (FREUD, 1914, p. 23).

Porém, Freud aponta uma mudança na perspectiva do narcisismo primário a partir do texto *O Eu e o Id* (1923). No contexto da elaboração da segunda tópica, Freud retornou a essa questão da localização do narcisismo primário, que foi então situado como o primeiro estado da vida e, portanto, anterior à constituição do eu. Nesse caso ele seria característico de um período em que o eu e o *id* são indiferenciados, e cuja representação concreta poderíamos conceber, por conseguinte, sob a forma da vida intrauterina. Outra mudança é que Freud passa a considerar os investimentos libidinais do eu e investimentos libidinais do objeto como duas formas de investimentos que participam da pulsão de vida contra as pulsões de morte. (ROUDINESCO e PLON, 1998).

É sob a perspectiva da localização do narcisismo primário e de sua relação com a constituição do eu que se fundamenta a concepção lacaniana do *Estádio do*

Espelho, desenvolvida em 1949, no que se refere à influência freudiana. (ROUDINESCO e PLON, 1998).

No texto do *O Estádio do Espelho* de 1949, Lacan cita o termo narcisismo apenas uma vez, na seguinte passagem:

[...] o termo narcisismo primário, pelo qual a doutrina designa o investimento libidinal próprio desse momento, revela em seus inventores, a luz de nossa concepção, o mais profundo sentimento das latências da semântica. (LACAN, 1966, p. 102).

De acordo com Roudinesco e Plon (1998), o narcisismo em Lacan constitui-se no momento em que a criança capta sua imagem no espelho, imagem esta que, por sua vez, é baseada na do outro, mais particularmente da mãe, constitutiva do eu.

Julien (1993) aponta que em Freud a escolha narcísica do objeto se dá por uma "conversão da agressividade em amor, metamorfose originária de um recalque da pulsão agressiva, em consequência de uma 'exageração' do processo de sociabilidade. Haveria uma passagem precoce e um pouco feliz de um momento para outro" (JULIEN, 1993, p. 20). O que Lacan propõe no *Estádio do Espelho* seria a unificação desses dois momentos, ou seja, o narcisismo e a agressividade se dão correlativamente na constituição do eu pela imagem do outro.

De fato, o narcisismo, segundo o qual a imagem do próprio corpo se sustenta na imagem do outro, introduz uma tensão: o outro em sua imagem me atrai e me rejeita ao mesmo tempo; de fato, eu só sou no outro e, ao mesmo tempo, ele permanece alienus, estranho, este outro que é eu é diferente de mim mesmo. (JULIEN, 1993, p. 20).

Julien (1993), além de estabelecer a relação direta entre o narcisismo em Freud e o *Estádio do Espelho* em Lacan, também remete este último às teorias kleinianas. O autor entende que a relação erótico-agressiva é correspondente ao que Melanie Klein chama de fase depressiva. A fase anterior a esta trata-se da fase paranoide, anterior a constituição do eu. Antes do eu o que existe são imagens do corpo despedaçado; Julien (1993) entende que entre a fase paranoide e a fase depressiva está o *Estádio do Espelho* de Lacan. Este serviria para explicar o que está entre as duas fases kleinianas. "O enigma da relação entre estas duas fases

kleinianas só se esclarece pelo estágio do espelho, na articulação de uma com outra fase: paranoide antes do espelho, depressiva, depois". (JULIEN, 1993, p. 21).

Além desse deslocamento da teoria freudiana sobre o narcisismo e a relação entre o conceito lacaniano e as elaborações kleinianas, há aquilo que é da ordem de uma novidade, o que podemos chamar de lacaniano.

Ogilvie (1991) considera que Lacan atribuiu a si um programa: "[...] elucidar este obscuro narcisismo primário, precisar sua articulação com a situação social que o circunda" (OLGIVIE, 1991, p 101). De modo que até a Tese de 1932, Lacan buscava no campo do social a articulação necessária para a chave da estrutura mental. Para esse autor, o *Estádio do Espelho* marca uma nova fase na pesquisa de Lacan. No sentido em que o social vai ganhando novos contornos nas elaborações lacanianas.

Nos textos anteriores a 1949 a dimensão social era largamente enfatizada. Em 1938, Lacan dá destaque à constituição da família e do psíquico a partir das relações sociais. Para isso utiliza como referência principal elementos da sociologia e da antropologia. Assim o social é o que está na base das regulações psíquicas.

É na ordem original de realidade constituída pelas relações sociais que se deve compreender a família humana. Se, para assentar esse principio, recorremos às conclusões da sociologia [...] é porque a ordem da realidade em questão é o objeto próprio desta ciência. [...] (LACAN, 1938, p. 19).

A mudança de perspectiva acerca do lugar do “social” no texto de 1949 se dá pela medida em que Lacan vai considerar que o momento em que o “eu” ideal confere ao “eu” a adjetivação de ficção irreduzível ocorre antes de qualquer determinação social. Assim, o fenômeno da captação espacial expresso pelo *Estádio do Espelho* é anterior à dialética social que confere ao conhecimento humano sua característica paranoica. (SILVEIRA, 2005).

Lacan afirma (1966) que se deve “[...] reconhecer, na captação espacial que manifesta o estágio do espelho, o efeito, no homem, anterior mesmo a essa dialética

[a dialética social], de uma insuficiência orgânica de sua realidade natural [...]". (LACAN, 1966, p. 96).

Nesse sentido, Silveira (2005) diz que o que marca a diferença entre a apresentação do *Estádio do Espelho* em 1949 e os anos anteriores é que desta vez, Lacan dá atenção especial a fatores estritamente psíquicos resultantes da insuficiência fisiológica do ser humano quando de seu nascimento.

Ao invés de uma visada do social pelo viés da sociologia e da antropologia, Lacan começa a pensar uma outra forma de compreender o social. O lugar que até então era ocupado por considerações sociológicas passa a ser ocupado pelo *campo do outro* enquanto imago do outro, da alteridade e da exterioridade.

Assim poderíamos pensar que, o que Lacan abandona, não se trata de conceber a causalidade do campo social, mas de conceber esse social da antropologia e da sociologia. Quando reformula a consideração para considerar que o eu surge a partir do campo do outro, podemos pensar que continua a reconhecer que é no campo do social que surge o eu, mas esse social ganha outros contornos. Um campo do social que é identificado ao campo das imagens, da alteridade, bem como posteriormente poderíamos pensar que o campo do social será compreendido como o campo da linguagem.

Ogilvie (1991) aponta que no *O Estádio do Espelho* (1949) Lacan reúne dois aspectos que já estavam presentes desde sua tese, a "dimensão reacional do sujeito e o horizonte antropológico que a causa". Porém à medida que caminha, Lacan vai cada vez mais dando ênfase na dimensão relacional do sujeito e aos poucos vai deixando seus horizontes antropológicos. O que o *Estádio do Espelho* vai mostrar é um apagamento desses dois polos, o sujeito de um lado e a antropologia do outro. Pois "a observação da criança diante do espelho redistribui as relações entre exterior e interior". (OGILVIE, 1991, p. 119).

Diferente de Freud que centra sua elucidação sobre as relações entre exterior e interior, eu e o objeto, em termos de energia pulsional e libidinal, ou seja, uma

perspectiva fundamentada mais em dinamismo interno, Lacan busca no exterior a causalidade do eu.

Assim, sendo a origem da capacidade de dizer “eu” algo que reside no momento em que a criança é capturada por uma imagem essencialmente alheia, sua identidade própria nunca poderá deixar de ser algo que lhe vem de fora, do horizonte da alteridade. (SILVEIRA, 2005, p. 116).

Ogilvie (1991) lista algumas consequências dessas novas relações entre exterior e interior: 1) O dinamismo libidinal do sujeito não é retirado de uma dimensão de força misteriosa localizada no fundo do sujeito. 2) O mundo dos eventos externos não é mais uma exterioridade real que provocaria reações. 3) É o mundo de forma que confeccionam inicialmente o sujeito na forma de uma exterioridade a si mesmo; o desejo perde o mistério e aparece em plena luz, na superfície plana e brilhante do espelho que representa sua profundidade ilusória. (OGILVIE, 1991, p. 110).

O sujeito não é anterior a este mundo de formas que o fascinam: ele se constitui em primeiro lugar por elas e nelas. O exterior não está lá fora, mas no interior do sujeito, o outro está nele, ou ainda: só existe exterioridade, ou sentimento de exterioridade, porque inicialmente o sujeito recebe em si mesmo esta dimensão que comanda em seguida sua relação com toda exterioridade real. (OGILVIE, 1991, p. 111).

Ou seja, a determinação do surgimento do eu a partir do outro, da alteridade, de uma exterioridade, mantêm uma dimensão social e cultural à medida em que se opõe a uma visada interna, puramente biológica. Essa perspectiva demonstra dois pontos importantes: serve para marcar a diferença entre o humano e o animal. Bem como, também marca uma diferença teórica em relação a Freud. É sobre a fundamentação biológica utilizada por Freud que Lacan tece sua crítica. Essa crítica tem a ver com duas noções: a libido e o instinto de morte.

Em relação a tais críticas, percebemos no texto *O Estádio do Espelho* (1949) que outros dois pontos estão em discussão: o dinamismo libidinal e a estrutura ontológica do mundo humano. Lacan fala de um dinamismo libidinal, até então

“problemático”, remetemos esse “problemático” à crítica que ele estabelece em textos anteriores acerca da concepção freudiana de libido.

Essa atividade conserva para nós até a idade de dezoito meses o sentido que lhe damos e que não é menos revelador de um dinamismo libidinal, até então problemático, do que de uma estrutura ontológica do mundo humano que se insere em nossas reflexões sobre o conhecimento paranoico. (LACAN, 1949, p. 97).

As críticas à concepção freudiana da libido aparecem em textos anteriores. No texto *Formulações sobre a causalidade psíquica* (1946), a crítica lacaniana se sustenta a partir do aspecto biologicista que Freud confere a sua concepção. Lacan diz que Freud cedeu aos imperativos da biologia, mas que não é disso que se trata. O valor e o sentido do dinamismo libidinal não está assegurado por uma concepção biologicista. Ou seja, sua fonte não é da ordem de um biológico.

Desde o texto *“Para-além” do princípio de realidade* (1936), Lacan faz uma crítica à metapsicologia freudiana. Prefere nesse momento pensar o freudismo a partir da valorização de sua realização fenomenológica. Desde então a crítica à metapsicologia freudiana incide justamente na noção de libido.

A psicologia freudiana, de fato, exacerbando sua indução com uma audácia próxima da temeridade, pretende remontar da relação inter-humana, tal como ela a isola como determinada em nossa cultura, à função biológica que seria seu substrato: e aponta essa função no *desejo sexual*. (LACAN, 1936, p. 93).

Lacan (1936) aponta que há dois usos do conceito de libido na psicanálise até então: como *conceito energético* e como *hipótese substancialista*.

A hipótese de *substancialista* está vinculada à compreensão de que é no metabolismo da função sexual no homem que Freud aponta a base das “sublimações” infinitamente variadas que seu comportamento manifesta. Esse uso se contrapõe à libido como *conceito energético*. Nesse caso, a libido é apenas a notação simbólica da equivalência entre os dinamismos que as imagens investem no comportamento. É a própria condição da *identificação simbólica* e a entidade essencial da ordem racional, sem as quais nenhuma ciência poderia constituir-se. (LACAN, 1936, p. 94)

Nessa mesma direção acontece a crítica ao instinto de morte tal como posto em Freud. Lacan critica o tom biológico que Freud deu a seu instinto de morte. Nesse caso, Lacan discorda de Freud e diz que ele assim o fez por ceder às noções biológicas. Mas que esse instinto de morte não tem nada a ver com isso. Lacan o liga a outros fatores.

Que a tendência à morte seja vivida pelo homem como objeto de um apetite, esta é uma realidade que a análise faz aparecer em todos os níveis do psiquismo; dessa realidade, coube ao inventor da psicanálise reconhecer o caráter irreduzível, mas a explicação que ele deu através de um instinto de morte, por mais deslumbrante que seja, não deixa de ser contraditória nos termos; tanto é verdade que o gênio mesmo, em Freud, cede ao preconceito do biólogo que exige que toda tendência se relacione a um instinto.” (LACAN, 1938, p. 28-29).

É sob a noção de agressividade que fará sua crítica ao instinto de morte em Freud. Pois entende que a gênese da agressividade está em relação à gênese do eu, que é sempre exterior ao sujeito, a partir dos processos de identificação. Nesse sentido ele se afasta de qualquer compreensão biológica que pressupõe um instinto, apoio em noção de biologia, como acusa a Freud.

Ora, a tendência à morte, que especifica o psiquismo do homem, explica-se de modo satisfatório pela concepção que aqui desenvolvemos, a saber, que o complexo, unidade funcional desse psiquismo, não corresponde a funções vitais, mas à insuficiência congênita dessas funções. (LACAN, 1938, p. 29).

Percebemos então que o texto *O Estádio do Espelho* (1949) marca a influência de Freud também a partir de uma crítica. Ou seja, Lacan estabelece sua “leitura” de algumas noções em Freud: narcisismo, libido e instinto de morte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos nos lançar a pensar que, ao ler o texto de Lacan, ficamos expostos a uma insuficiência, a nossa própria falta. E pensamos que isso não se explica apenas por limites de interpretação de um dado leitor. O próprio texto se organiza de forma que nos expõe aos limites da nossa própria leitura. Em alguns momentos não conseguimos supor que estamos compreendendo o que está escrito. Assim, o texto provoca uma ferida no leitor, e qualificamos o texto como difícil ou incompreendido.

Esse efeito que o texto provoca é próprio de como o texto se estrutura. A cada parágrafo muda-se a referência, muda-se o assunto, muda-se o posicionamento, e nós de parágrafo em parágrafo nos sentimos num emaranhamento. Assim, o primeiro movimento na leitura do texto lacaniano é uma emaranhar-se (tanto no sentido de enredar, como de confundir ou complicar). Assim, as releituras consistem num movimento de desemaranhar-se e para isso convidamos os comentadores, historiadores, psicanalistas, outros textos.

Nesse sentido, compreendemos que a noção de eu a partir da construção da teoria do *Estádio do Espelho* se dá no sentido de uma continuidade na obra lacaniana. Isso quer dizer que, nos textos da década de 30 e de 40 presenciamos a repetição dos elementos que constroem sua teoria. Ou seja, para fundar o registro do imaginário, como se reconhece as formulações próprias desse período, Lacan repete suas elaborações até que sua historia sobre o espelho torna-se famosa.

Se a gente entende a Psicanálise como uma rede que começa a ser costurada, produzida, entrelaçada, alinhavada por Freud, a Psicanálise lacaniana acontece nas ramificações dessa rede. A imagem da rede aqui nos serve para nos afastar de uma perspectiva evolucionista, ou de qualquer pensamento que nos leve a um movimento retilíneo. É por um dos fios deixados por Freud que Lacan faz seu primeiro arremate. Esse fio vem da noção de narcisismo desenvolvida em 1914 por Freud. As noções freudianas que estariam na base de leitura de Lacan neste período seriam o narcisismo primário, a libido e a pulsão de morte.

Assim, no contexto das heranças freudianas vimos que o *Estádio do Espelho* é apresentado como uma teoria decorrente da leitura da segunda tópica. Para compreendê-lo dessa forma é preciso contextualizar a leitura do texto de Lacan ao contexto da Psicanálise da época, o contexto dos acontecimentos: desde a *Ego Psychology* e a ênfase no ego, até a teorização kleiniana.

Por outro lado, o *Estádio do Espelho* corresponde também a um momento da teorização lacaniana. Depois de algumas leituras, hermenêutica, clássica, próximas, atentas e desconstrutivas podemos concluir que para construir a teoria do *Estádio do Espelho*, Lacan utilizou referências de variadas áreas do conhecimento: a Psicologia animal, a fenomenologia, a Gestalt e a psicanálise freudiana. Cada referência ocupa uma posição e uma função na elaboração desta concepção. Posição privilegiada, como a Gestalt e o que dela se apreende sobre a imagem; ou função de comprovação científica, como os dados da psicologia comparada e a etologia.

As noções que sustentam a teoria do *Estádio do Espelho* em 1949 são largamente citadas e utilizadas em todos os textos que demarcam o período entre 1936 e 1949, tais como: a noção de imago e de complexo. Ou seja, em todos os textos anteriores a 1949 encontramos os elementos que participam da construção de sua teoria do *Estádio do Espelho*. Seja para fazer uma crítica à psicologia científica do final do século XIX e um elogio à revolução freudiana (texto 1936), seja para apresentar seu verbete sobre família (1938), seja em sua discussão com Henry Ey acerca da causalidade da loucura, opondo de um lado o organodinamicismo a uma teoria psicanalítica da loucura (1946) e, por fim, na elaboração de suas teses acerca da agressividade (1948) está evidenciado o papel da imagem, da imago como formador do eu.

O *Estádio do Espelho* pode ser compreendido de um ponto de vista como fase do desenvolvimento da criança e do ponto de vista estrutural. Designamos como fase de desenvolvimento uma etapa específica, ou seja, dos seis aos dezoito meses de vida do bebê. O ponto de vista estrutural rompe com a limitação temporal implícita na fase, nesse sentido é algo que tem continuidade e permanência no sujeito para além da demarcação de uma etapa.

Lacan defende o eu como miragem virtual, como imagem, como desconhecimento, imaginário e especular. Esse eu especular se dá num determinado momento do desenvolvimento da criança a partir de uma identificação com a imagem no espelho. Nesse tempo a criança está mergulhada numa impotência motora, é pela capturação da Gestalt que se dá a identificação. Esse momento marca a passagem da vivência da criança de um corpo despedaçado para uma imagem unificada do corpo próprio. Do ponto de vista estrutural a teoria do *Estádio do Espelho* apresenta o imaginário como uma posição que o sujeito se identifica a partir da qual interpreta sua realidade e o mundo que o constitui.

Podemos concluir dizendo que consideramos o texto *O Estádio do Espelho* (1949) como central na obra de Lacan no que concerne a teorização do eu. Ao mesmo tempo em que a leitura de tal texto nos remete a um passado, a sua origem e ao percurso que permitiu a construção de suas teses, é um texto que nos remete a um futuro. Como se Lacan enunciasse em 1949 questões que foram elaboradas a partir de trabalho anteriores, bem como anunciasse questões que só seriam explicadas, trazidas a luz, formalizadas nos seus trabalhos posteriores.

REFERÊNCIAS

ASSOUN, P. L. **Lacan**. Traducción de: Irene Agoff. 1ª ed. Buenos Aires: Amorrortu, 2004.

BONI JÚNIOR, J. O. **O estágio do espelho de Jacques Lacan: gênese e teoria**. Dissertação de mestrado em Psicologia Clínica pelo instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2010.

CALLIGARIS, C. **O inconsciente em Lacan**. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/97934279/O-Inconsciente-Em-Lacan-Contardo-Calligaris>
Acesso em: setembro de 2013.

CHEMAMA, R. e VANDERMERSCH, B. **Dicionário de Psicanálise**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2007.

DOR, J. **O estágio do espelho e o Édipo**. In.: Introdução à leitura de Lacan: o inconsciente estruturado como linguagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

FERNANDES, A. H. **O caso Aimée e a causalidade psíquica**. Ágora, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, Dec. 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982001000200006&lng=en&nrm=iso. Acesso em; setembro de 2013.

FREUD, A. **O Ego e os mecanismos de defesa**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FREUD, S. (1914) **Introdução ao Narcisismo**. In.: Obras Completas Volume 12. Introdução ao narcisismo, Ensaio de metapsicologia e outros textos (1914-1916). Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. (1923) **O Eu e o Id**. In.: Obras Completas Volume 16. O Eu e o Id, "Autobiografia" e outros textos (1923-1925). Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FIGUEIREDO, L. C. **Considerações metodológicas preliminares.** In.: Palavras cruzadas entre Freud e Ferenczi. São Paulo: Escuta, 1999.

GRECO, M. **Os espelhos de Lacan.** Opção Lacaniana online nova série, ano 2, Número 6, novembro 2011. Disponível em: http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_6/Os_espelhos_de_Lacan.pdf Acesso em: setembro de 2013.

IMANISHI, H. A. **A metáfora na teoria lacaniana: o estádio do espelho.** Bol. psicol, São Paulo, v. 58, n. 129, dez. 2008. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S00065943200800020002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: setembro 2013.

JERUSALINSKY, A. **O colecionador de orelhas.** In.: A segunda morte de Jacques Lacan – Claude Dorgeuille. Porto Alegre: Artes médicas, 1986 p. 11-15.

JULIEN, P.. In.: **O Retorno a Freud de Jacques Lacan: A Aplicação ao Espelho** - trad. Ângela Jesuino & Francisco Franke Settineri. - Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1993.

LACAN, J. **Agressividade em Psicanálise.** In.: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 104 – 126.

_____. **De nossos antecedentes.** In.: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 69-76.

_____. **Formulações sobre a causalidade psíquica.** In.: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 152 – 194.

_____. **O estádio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica.** In.: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 96 – 103.

_____. **Os complexos familiares na formação do indivíduo.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

_____. **O estádio do espelho como formador da função do eu.** In.: Mapa da ideologia . Slavoj Zizek (org). Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996 p. 97 – 103.

_____. **“Para-além” do principio de realidade.** In.: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 77 – 95.

LANG, C. e FALCÃO, J. **Pode-se utilizar a desconstrução na pesquisa teórica em psicanálise?** Cad. de Pesq. Interdisciplinar em Ciências Humanas, Florianópolis, v.13, n.102, 2012 p.75-99.

MILLER, J. A. **O que é ser lacaniano?** In.: O parceiro-sintoma, em 26 de novembro de 1997 tradução de: Dr. Luiz de Souza Dantas Forbes da revista: revista de Psicanálise e Cultura – Dora Ano 1 – nº 1 – 1998. Disponível em: <http://www.psicanaliselacanianana.com/estudos/serlacaniano.html> Acesso em: setembro de 2013.

_____. **Percurso de Lacan – uma introdução.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987.

OGILVIE, B. **O Estádio do espelho.** In.: Lacan – a formação do conceito de sujeito. 2ª edição, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1991 p. 101 – 124.

PETER, M. **O Imaginário.** Disponível em: <http://www.marciopeter.com.br/sitev2/images/pdf/psicanalise-lacanianana/o-imaginario.pdf2012>. Acesso em: setembro de 2013.

PRADO, A. C. **O estádio do espelho, o narcisismo e o Outro.** CLaP – Centro Lacaniano de Pesquisa em Psicanálise, junho de 2009. Disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:0DgfvOgJ8J8J:www.institutotrianon.com.br/arquivos/O%2520Est%25E1dio%2520do%2520Espelho%2520%2520o%2520narcisismo%2520e%2520o%2520Outro.doc+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br> acessado em: setembro de 2013.

QUEIROZ, E. F. **A trama do olhar e o estádio do espelho.** In.; Trama do olhar. São Paulo: Casa do psicólogo, 2007 p. 61-71.

QUINET, A. **Os outros em Lacan.** Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

ROUDINESCO, E. **Jacques Lacan – Esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento.** Tradução: Paulo Neves. São Paulo: Companhia das letras, 2008.

_____. **Lacan, a despeito de tudo e de todos.** Tradução: André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

_____. **Em defesa da Psicanálise.** Tradução: André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

_____. **A análise e o arquivo.** Tradução: André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. **Dicionário de Psicanálise.** Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

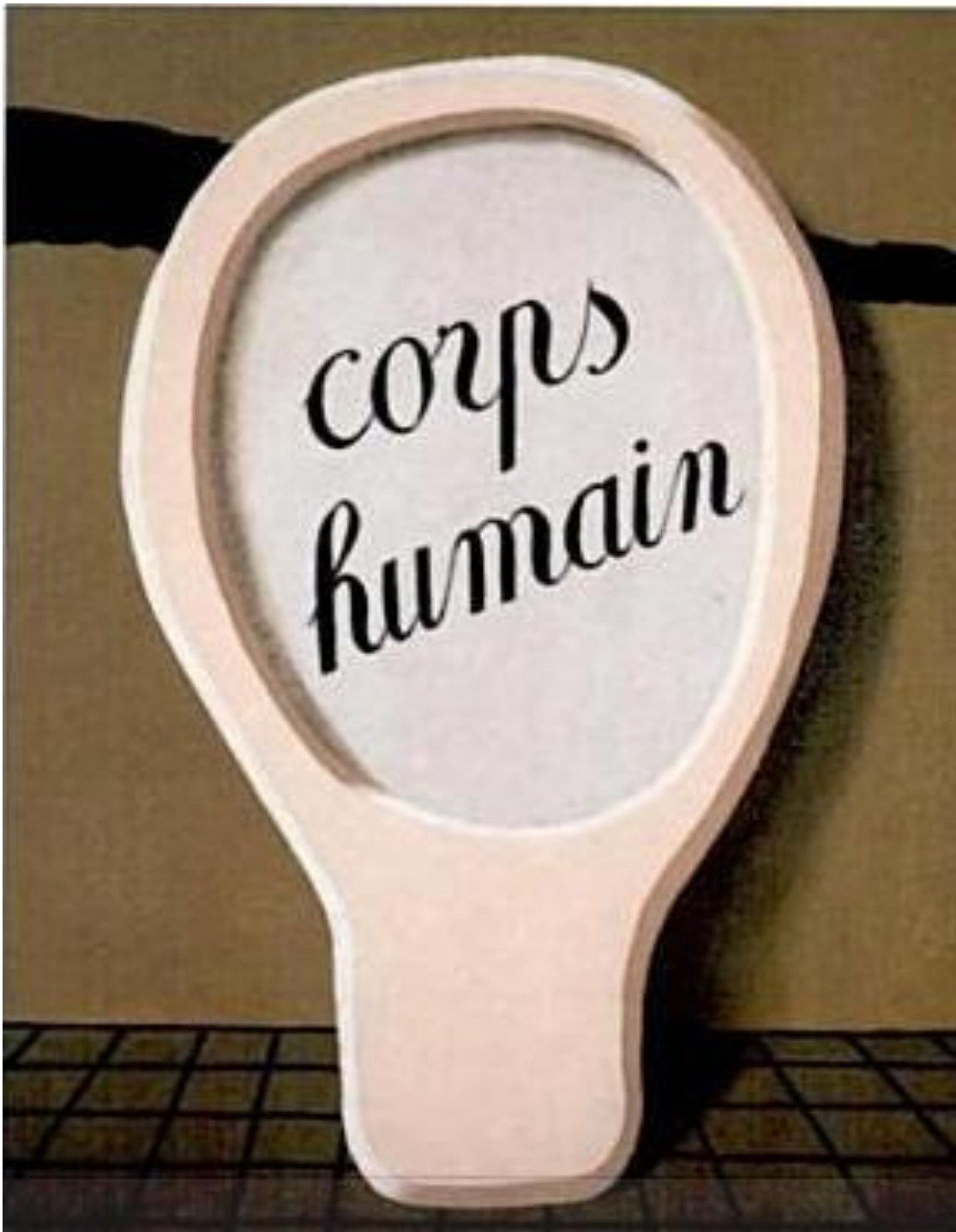
SAFLATE, V. **Lacan.** 2ª ed. São Paulo: Publifolha, 2009.

SILVEIRA, L. **Determinação versus subjetividade : apropriação e ultrapassagem do estruturalismo pela psicanálise lacaniana.** Tese (Doutorado) -- Universidade Federal de São Carlos, São Carlos: UFSCar, 2008.

STEIN, E. **Diferença e metafísica: ensaios sobre a desconstrução.** Ijuí: Ed. Unijuí, 2008.

STEIN, E. Origens, aproximações e crítica ao problema da desconstrução do ponto de vista hermenêutico. Ijuí: Ed. Unijuí, 2008.

ANEXO I



Espelho Mágico, do artista surrealista René Magritte, 1929.